

A LIAHONA

MARÇO DE 1988



A LIAHONA

Março de 1988 Volume 41 nº 3
PBMA8803PO - São Paulo - Brasil

Publicação oficial em português de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, apresentando matérias das revistas ENSIGN, NEW ERA e FRIEND.

A Primeira Presidência:

Ezra Taft Benson, Gordon B. Hinckley, Thomas S. Monson

Quorum dos Doze:

Marion G. Romney, Howard W. Hunter, Boyd K. Packer, Marvin J. Ashton, L. Tom Perry, David B. Haight, James E. Faust, Neal A. Maxwell, Russell M. Nelson, Dallin H. Oaks, M. Russell Ballard, Joseph B. Wirthlin

Consultores: Hugh W. Pinnock, Gene R. Cook, William R. Bradford, Keith W. Wilcox

Editor: Hugh W. Pinnock

Diretor das Revistas da Igreja: Ronald L. Knighton

International Magazines:

Editor Gerente: Larry A. Hiller

Editor Associado: David Mitchell

Editor Assistente: Ann Laemmlen

Seção Infantil: Diane Brinkman

Layout e desenhos: N. Kay Stevenson, Sharri Cook

Produção: Reginald J. Christensen, Sydney N. McDonald

Gerente de Marketing: Thomas L. Peterson

Desenhistas que colaboraram neste número:

Warren Archer, Kerry Lynn C. Herrin, Sherlynn Hicks, Don K. Lambson, Timothy C. Sheppard

A Liahona:

Diretor Responsável: José Maria Arias

Editor: Paulo Dias Machado

Tradução e Notícias Locais: Flávia G. Erbolato

Produção Gráfica: Dario Mingorance

Assinaturas: Carlos Tadeu de Campos

Capa: "Somerset Lane", 1987, pintura a óleo de Ken Baxter, mostrando dois missionários fazendo proselitismo em uma pequena cidade da Inglaterra. (Cortesia do Church Arts, and Sites.)

Na Mensagem da Primeira Presidência deste número, o Presidente Gordon B. Hinckley relembra seus dias, como missionário na Inglaterra.

REGISTRO: Está assentado no cadastro da DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS, do D.P.F., sob nº 1151-P209/73 de acordo com as normas em vigor.

SUBSCRIÇÕES: Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao Departamento de Assinaturas, Caixa Postal 26023, São Paulo, SP. Preço da assinatura anual para o Brasil: Cz\$ 265,00; para Portugal — Centro de Distribuição Portugal Lisboa, Avenida Almirante Gago Coutinho 93 — 1700 Lisboa. Assinatura Anual Esc. 500; para o exterior, simples: US\$ 5,00; aérea, US\$ 10,00. Preço de exemplar em nossa agência: Cz\$ 25,00.

As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereço.

A LIAHONA — © 1977 pela Corporação do Presidente de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Todos os direitos reservados. Edição Brasileira do "International Magazine" de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do Livro B, nº 1, de Matrículas e Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto nº 4857, de 9-11-1930. A Liahona, revista internacional de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias é publicada mensalmente em chinês, holandês, dinamarquês, inglês, finlandês, francês, alemão, italiano, japonês, coreano, norueguês, português, samoano, espanhol, sueco e tonganês; bimensalmente em indonésio, taitiano e tailandês; e trimestralmente em islandês. Composição: HOMART Fotocomposição e Artes Gráficas Ltda. - Rua Rocha, 288 - Fone: 289-7279 - Fitolitos e Impressão: Editora Gráfica M.N.J. Ltda. - Rua Capistrano de Abreu, 210 - Fone: 418-4071 - Jordonópolis - S.B.C. - SP. Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do "International Magazine". Colaborações espontâneas e matérias dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais.

Redação e Administração: Av. Prof. Francisco Morato, 2.430 - Telefone (011) 814-2277.

Published monthly by the Corporation of the President of The Church of Jesus Christ of Latter-day Saints. Application to mail at second class postage rates is pending at Salt Lake City, Utah. Subscription price \$9.00 a year. \$1.00 per single copy. Thirty days' notice required for change of address. When ordering a change, include address label from a recent issue; changes cannot be made unless both the old address and the new are included. Send subscriptions and queries to Church Magazines, 50 East North Temple Street, Salt Lake City, Utah 84150, United States of America. Subscription information telephone number 801-531-2947.

POSTMASTER: Send form 3579 to A Liahona at 50 East North Temple Street, Salt Lake City, Utah 84150, United States of America.

ÍNDICE

2 MENSAGEM DA PRIMEIRA PRESIDÊNCIA:

SERVIÇO MISSIONÁRIO Presidente Gordon B. Hinckley

7 NEM TUDO O QUE RELUZ É CELESTIAL Quinn G. McKay

10 UM SONHO SE REALIZA Johann Schneider

12 DIÁRIO MÓRMON: O ESPÍRITO SANTO, UMA PRESENÇA VIVA

AO MEU LADO Lola B. Walters

14 OS SUSSURROS DO ESPÍRITO SANTO Hans Cohr

16 SUICÍDIO: ALGUMAS COISAS QUE SABEMOS, E OUTRAS

QUE NÃO SABEMOS Élder M. Russell Ballard

21 IRMÃ HOOPER Sherrill Allen

24 ENSINAR AS CRIANÇAS A RESPEITO DE AMIGOS E AMIZADE

29 SEGUNDA-FEIRA SERIA TARDE DEMAIS Rachel Wilde

30 PERGUNTAS E RESPOSTAS Liderança do sacerdócio no lar

32 MENSAGEM DAS PROFESSORAS VISITANTES:

"A CARIDADE NÃO É INVEJOSA"

33 "MAS UMA SÓ É NECESSÁRIA" Patricia T. Holland

36 O QUE O LIVRO DE MÓRMON SIGNIFICA PARA NÓS:

"Uma Bênção de Extraordinário Significado", Mary Ellen Edmunds

"Fazendo as Pazes com Néfi", Lars Akebrand

39 FELICIDADE: NÃO HÁ UMA ÚNICA BARREIRA Mayola Miltenberger

44 CHAMAR UM QUADRADO DE QUADRADO

Jack S. Marshall

46 "A CADA HOMEM É DADO UM DOM"

Tawnya Warnick

47 VOCÊ JÁ VIU O SENHOR? Elder Sterling W. Sill

2 SER AMÁVEL COMO JESUS Pat Graham

4 ABINADI E O REI NOÉ

6 JANE E DIANA Claudia Remington

8 SÓ PARA DIVERTIR Série Ligue os Pontos



MENSAGEM DA PRIMEIRA PRESIDÊNCIA

SERVIÇO MISSIONÁRIO

Presidente Gordon B. Hinckley
Primeiro Conselheiro na Primeira Presidência

Quando reflito acerca da situação do mundo, quando testemunho os inúmeros problemas que podem ser resolvidos pelo Evangelho de Jesus Cristo, sinto vontade de clamar como fez Alma: “Oh! eu quisera ser um anjo e poder realizar o desejo de meu coração, para poder ir adiante e falar com a trombeta de Deus, com uma voz que faria estremecer a terra, e proclamar arrependimento a todos os povos!

Sim, proclamaria a todas as almas, como que com voz de trovão, o arrependimento e o plano de redenção, para que se arrependessem e viessem ao nosso Deus a fim de não haver mais tristeza sobre a face da terra.” (Alma 29:1-2.)

Desde o momento em que Samuel Smith pôs alguns exemplares do recém-publicado Livro de Mórmon em sua maleta e tentou distribuí-los nas comunidades de sua área — mesmo antes de a Igreja ser organizada — desde aquele momento até o presente, nunca houve época em que a Igreja não estivesse empenhada na obra missionária.

Mil novecentos e oitenta e seis, último ano de que dispomos de uma estatística completa, foi um ano significativo no que diz respeito a esse serviço. No final do ano, havia 31.803 missionários no campo, os quais batizaram 216.210 conversos. Se uma estaca hoje tem uma média de 2.500 membros, isto significa que um

número de membros equivalente a oitenta e seis novas estacas converteu-se à Igreja durante 1986 — oitenta e seis novas estacas em 1986! É uma coisa extraordinária e maravilhosa.

Apenas o Início da Obra

Mas todos nós reconhecemos que estamos apenas começando a obra que tem de ser feita. Recebemos um chamado irrecusável. É um encargo do próprio Senhor ensinar o evangelho a toda nação, tribo, língua e povo. No entanto, o campo está branco, e são poucos os ceifeiros.

Deveis lembrar-vos de que Alma desistiu do posto de juiz para ter tempo e forças para um grande trabalho: “E assim fez para que ele mesmo pudesse ir entre seu povo, ... pregar a palavra de Deus e fazer com que ele se lembrasse de seus deveres, a fim de que pudesse, pregando-lhe a palavra de Deus, abater todo o seu orgulho, artimanhas e contendas, porque não via outro modo de reformá-lo senão pela força de um testemunho puro contra ele.” (Alma 4:19.)

Por essa mesma razão, o mundo necessita hoje do poder do testemunho puro. Necessita do Evangelho de Jesus Cristo, e, se o mundo tem de ouvir o evangelho, é necessário que haja mensageiros para pregá-lo.

Pedimos aos pais que comecem a instruir seus filhos



O mundo necessita hoje do poder do testemunho puro. Necessita do Evangelho de Jesus Cristo, e, se o mundo tem de ouvir o evangelho, é necessário que haja mensageiros para pregá-lo.



Aquele que sai
como servo do Senhor
salva-se a si mesmo. Da
mesma forma, abençoa
aqueles que o ouvem.

desde cedo. Onde haja uma oração familiar, onde haja reuniões de noite familiar, onde haja leitura de escrituras, onde pai e mãe sejam ativos na Igreja e falem com entusiasmo da Igreja e do evangelho, as crianças criadas nesses lares desenvolvem de maneira natural o desejo de pregar o evangelho aos outros. Há geralmente uma tradição de trabalho missionário em lares assim. Cadernetas de poupança são abertas quando as crianças são pequenas. Os meninos crescem com a expectativa natural de que serão chamados para servir como missionários da Igreja. A missão se torna parte do plano de vida de um menino tanto quanto a educação.

Servindo Seu Próprio Povo

É particularmente gratificante ver o número de rapazes e moças de áreas outras que não os Estados

Unidos e Canadá, saindo em missão. Somos informados de que, no México, aproximadamente três quartos da força missionária são constituídos de missionários locais, e de que na Ásia temos 3809 missionários, dos quais 1589, ou 42%, são asiáticos.

Passei muito tempo na Ásia, e, para mim, esses números são maravilhosos. Lembro-me de ter falado, anos atrás, com um irmão japonês a respeito da futura missão de seu filho. O pai replicou que não conseguia imaginar seu filho deixando a escola para fazer missão. O filho não saiu em missão e acabou perdendo com isso.

Esse fato contrasta com a família do Irmão e Irmã Massao Watabe. Conheço-os há muitos anos. O Irmão Watabe serviu em muitos cargos da Igreja no Japão. Hoje é um patriarca ordenado.

Eles não tinham muito dinheiro, mas economizaram para tornar possível que seus filhos fizessem missão.

Masahisa foi para o Japão. Depois completou seus estudos e é um especialista em cerâmica. Masaji serviu no Japão, estudou lá e nos Estados Unidos, onde agora trabalha para uma companhia japonesa. Masakasu serviu no Brasil, depois obteve seu doutorado e faz parte do corpo docente da Universidade Brigham Young. Masasue trabalhou na Missão Fukuoka e está agora estudando em São Francisco.

Servindo os outros por meio da grande causa missionária, ganharam bênçãos para sua própria vida. E hoje, os pais estão servindo sua quarta missão, desta vez no Templo Taipei Taiwan, onde o Irmão Watabe é conselheiro do presidente do templo e a Irmã Watabe é assistente da superintendente. Onde há fé, há milagres.

Descobrir as Pessoas e Fazer Amizade

Agora quero mencionar uma área vital em que a compreensão e a assistência de todos os membros são necessárias: a obra missionária da estaca. Como sabeis, deve haver uma missão de estaca em cada estaca, a menos que seja o caso muito raro de haver poucos não-membros ou nenhum, e em que todos os membros sejam ativos. Os missionários de estaca são essencialmente descobridores. Fazem seus próprios contatos e ajudam os membros a cumprirem suas responsabilidades missionárias. Depois, trabalhando estreitamente com os missionários de tempo integral, os missionários de estaca passam as referências de pesquisadores potenciais aos missionários de tempo integral, para que recebam as palestras.

Após o batismo do converso, os missionários de estaca são responsáveis pelas aulas de integração, ajudando os conversos a passarem pela enorme adaptação que geralmente acompanha o batismo na Igreja. Essa adaptação envolve o afastamento de alguns amigos, velhos conhecidos e antigos hábitos. Envolve o arrependimento e o compromisso de um comportamento melhor. Se perdemos um só recém-converso que seja, é uma perda muito grande, e que poderá ser evitada com missões de estaca bem organizadas, cujos missionários e membros trabalham com os conversos para ajudá-los a adquirir um forte testemunho.

Há cinquenta e dois anos, batizei em Londres, Inglaterra, um rapaz promissor e maravilhoso. Era

talentoso e instruído, sincero e devoto. Meu companheiro e eu o ensinamos durante longo tempo. Ambos partimos de volta ao nosso lar depois de ele ser batizado.

Nosso converso era um rapaz tímido e sensível. Logo depois de se tornar membro da Igreja, foi criticado por um pequeno erro que cometera na responsabilidade que tinha no ramo.

O rapaz saiu da reunião naquela noite e nunca mais voltou. Havia sido ferido e magoado pelo comentário irrefletido de um homem mais velho, que deveria ter sabido agir com mais tato.

Tentei manter contato com esse recém-converso por correspondência. Mas irrompeu a II Guerra Mundial; ele entrou para o serviço militar. Depois da guerra, casou-se, e pouco tempo depois sua esposa faleceu, causando uma tragédia maior em sua vida. Ele progrediu profissionalmente e tornou-se um executivo de reconhecida capacidade no mundo dos negócios da Inglaterra. Poderia ter contribuído sobremaneira para a Igreja, mas o ferimento sofrido muitos anos antes numa reunião do ramo deixara uma feia cicatriz.

Acabei descobrindo onde ele morava. Casara-se novamente e estava aposentado e residindo na Europa. Visitei-o uma vez. Escrevo-lhe e mando livros e outros materiais. Ele me escreve, e somos amigos. Meu companheiro, com quem ensinei esse bom homem, faleceu. Fiz tudo o que sei, procurando reavivar a fé em nosso amigo. Até agora tem sido inútil.

Ocasionalmente penso na maneira extraordinária como o encontramos. Reflito a respeito das muitas horas que passamos ensinando-o. Reflito a respeito da luta interior que travou para tomar a decisão correta de batizar-se, e de sua alegria por ter encontrado a Igreja. E então penso na sua perda. Nunca precisaria ter acontecido. Não deveria nunca ter acontecido.

Tem de Haver Amor Não Fingido

Irmãos e irmãs da Igreja, tem de haver amor na obra do Senhor. Tem de haver amizade. Tem de haver amor não fingido. Tem de haver expressões de apreço e agradecimento. Tem de haver constante incentivo com as boas palavras de Deus. Tudo isso são pequenas coisas, fáceis de fazer, e fazem uma enorme diferença.

Cheguei à conclusão de que a maior tragédia na

Igreja é a perda daqueles que se filiam a ela e depois se afastam. Com pouquíssimas exceções, isso não precisa acontecer. Estou convencido de que quase todos os que são batizados pelos missionários aprenderam o suficiente para ter o necessário conhecimento e testemunho para justificar o seu batismo. Mas não é nada fácil fazer mudanças quando da filiação à Igreja. Significa cortar laços antigos, afastar-se dos amigos. Pode significar deixar de lado crenças queridas. Pode exigir mudança de hábitos e o refreamento de apetites. Em muitos casos, significa solidão e mesmo o medo do desconhecido. Tem de haver incentivo e fortalecimento durante esse período difícil da vida de um converso. Foi pago um preço muito alto por sua presença na Igreja. O longo esforço dos missionários e o custo de seu serviço, o abandono de antigos relacionamentos e o trauma relacionado com tudo isso tornam necessário que essas almas preciosas sejam bem recebidas, tranqüilizadas, ajudadas em seus momentos de fraqueza, assumam responsabilidades com as quais possam fortalecer-se, sejam incentivadas e recebam agradecimentos por tudo o que fazem.

A Obra do Senhor

Podemos questionar este grande programa de ensino do evangelho ao mundo? É a obra de Deus. Resulta — ou pode resultar — em felicidade para todos os que recebem as bênçãos de seu serviço altruísta. É como Paulo disse que seria, quando escreveu a Timóteo, esse jovem de fé e obras:

“Não desprezes o dom que há em ti, o qual te foi dado por profecia, com a imposição das mãos...

Tem cuidado de ti mesmo e da doutrina: persevera nestas coisas; porque, fazendo isto, te salvarás, tanto a ti mesmo como aos que te ouvirem.” (I Timóteo 4:14, 16.)

Notai as palavras “te salvarás, tanto a ti mesmo como aos que te ouvirem”. Não é essa a história da obra missionária? Aquele que sai como servo do Senhor salva-se a si mesmo, cresce na fé, cresce em

capacidade, em entendimento, no amor ao Senhor.

Da mesma forma, abençoa aqueles que o ouvem. Toda pessoa nesta Igreja, com raras exceções, é membro por causa de missionários que a ensinaram ou ensinaram seus antepassados. Toda pessoa poderia levantar-se e prestar testemunho, e expressar apreço por aqueles que foram os instrumentos para que ela ou seus antepassados participassem dessa obra de salvação e vida eterna.

Que possamos todos nós ser abençoados pelo Senhor ao renovarmos nossos esforços para encontrar mais pessoas para trabalhar no campo, tanto jovens como mais velhos. Que possamos todos ser abençoados, ajudando os missionários e amando aqueles que entram na Igreja como conversos. Que possamos todos, por nossa fé e amor, assumir a responsabilidade da obra do Senhor, e tomar sobre nós o seu nome honradamente e com profundo apreço pelas bênçãos que ele nos dá. □

IDÉIAS PARA OS MESTRES FAMILIARES

Alguns Pontos que Merecem Ênfase. Talvez os queira ressaltar em sua mensagem de mestre familiar:

1. O Senhor deu aos membros de sua igreja o mandamento ao qual não nos podemos esquivar: o encargo de levar o evangelho a todas as nações, reinos, línguas e povos.

2. Pede-se aos pais que incentivem seus filhos a fazer missão. Os pais podem ajudar nessa tarefa, fazendo orações familiares, noites familiares e estudo das escrituras, e falando com entusiasmo sobre a Igreja e o evangelho.

3. Todos os membros são incentivados a se interessar pessoalmente em ajudar recém-conversos a fazerem as necessárias adaptações após o batismo na Igreja.

Auxílios para Debate

1. Externe seus sentimentos a respeito do papel do serviço missionário na Igreja do Senhor.

2. O artigo contém passagens das escrituras ou citações que a família poderia ler em voz alta e debater?

NEM TUDO O QUE RELUZ É CELESTIAL

Quinn G. McKay

João estava pensando em suas metas na vida. Fez planos para ter sucesso financeiro ainda jovem. “Então”, pensou, “serei economicamente livre para servir o Senhor numa missão, como bispo, ou como quer que precise de mim”.

João não apenas quer conseguir independência financeira, mas aparentemente usar essa independência para dedicar-se ao serviço do Senhor. Mas será que João está planejando atingir suas metas da maneira como o Salvador gostaria de que ele as alcançasse?

Jesus ensinou a seus discípulos: “Não ajunteis tesouros na terra, onde a traça e a ferrugem tudo consomem...”

Mas ajuntai tesouros no céu, onde nem a traça nem a ferrugem consomem, e onde os ladrões não minam nem roubam.

Porque onde estiver o vosso tesouro, aí estará também o vosso coração...

Ninguém pode servir a dois senhores; porque ou há de odiar um e amar o outro, ou se dedicará a um e desprezará o outro. Não podeis servir a Deus e a Mamóm.” (Mateus 6:19-24.)

É errado procurar ser rico? Não necessariamente. Como Jacó salientou, podemos buscar as riquezas *depois* de “(havermos) obtido uma esperança em Cristo”, se as procurarmos “com o fito de praticar o bem; para vestir os nus, alimentar os famintos, libertar os presos e dar conforto aos doentes e aflitos”. (Jacó 2:18-19.)

Assim, buscar o reino de Deus deve ser sempre o propósito principal de qualquer atividade, se quisermos viver em retidão e desfrutar as “riquezas da eternidade”. (Veja D&C 68:31.)

Uma das características mais nobres do viver em retidão

é “amar o (nosso) próximo como a (nós) mesmos”. Isto significa que devemos estar tão preocupados com o bem-estar alheio como com o próprio. Em contraste, aqueles que buscam as coisas do mundo, buscam em primeiro lugar riquezas, poder, posição e reconhecimento. Sua motivação para buscar riqueza é geralmente baseada no desejo de ter carros melhores, casas maiores e roupas mais caras. Suas contribuições caritativas são feitas só depois de satisfeitas essas metas prioritárias; e mesmo sua caridade freqüentemente tem motivação errada: a necessidade de poder e prestígio.

O sucesso temporal é quase sempre medido em termos de sucesso *financeiro* e, às vezes, justificado com afirmações como: “Mas veja quanto bem o dinheiro faz. Importa se sua motivação é errada?”

A resposta, obviamente, é sim, importa. A preocupação com o sucesso financeiro tende a

estimular o egoísmo. Em primeiro lugar e antes de mais nada, está o desejo de conseguir o que *eu* quero: carros, casas, mais roupas e as coisas vãs do mundo. Esses esforços para conseguir “a boa vida” para “mim e para os meus” pode levar-nos a pensar: “Trabalhei muito para isto; eu o mereço. Se os outros fossem mais ambiciosos, poderiam tê-lo também.” (Implicando em que os pobres são pobres por preguiça.) Essa atitude entorpece o espírito de sacrifício e alimenta o egoísmo e o orgulho.

Para muitos, até mesmo aqueles que começaram com boas intenções, a busca honesta das riquezas leva com muita facilidade à cobiça. Esse fenômeno é conhecido como Princípio da Rã. Diz-se que, se uma rã fosse jogada numa panela de

“Não ajunteis
tesouros na
terra, onde
a traça e a
ferrugem tudo
consumem...”

água fervente, pularia fora imediatamente para salvar a vida. No entanto, se essa mesma rã for colocada numa panela de água fria e o calor aumentar *gradualmente*, a rã ficará na panela até ficar cozida.

Quando se busca riqueza pelas razões erradas, é muito fácil ocorrer o Princípio da Rã. Começa com o processo de acumular dinheiro suficiente para comprar aquele “carro bonito”, depois uma casa maior para combinar com o carro, em seguida uma mobília melhor para combinar com a casa. Tudo isto demanda cada vez mais dinheiro, até que o desejo de luxo se transforma em espírito de egoísmo.

As vezes, as pessoas tornam-se vítimas do Princípio da Rã à medida que seguem sua carreira. Quando começam a trabalhar numa companhia, espera-se que algumas pessoas façam certas coisas contrárias à sua ética pessoal. No entanto, com o passar do tempo, elas pouco a pouco começam a ceder em coisas que poderiam ser consideradas questionáveis.

De início, distorcem a verdade apenas um pouquinho exagerando, diminuindo ou omitindo informações. Essas ações são facilmente justificadas com frases como: “É assim que as coisas são feitas aqui.” Daí, é apenas um pequeno passo para uma tentativazinha de preservar a reputação da companhia (ou a própria) de ser confiável, honesta ou instruída.

Essas tentativas, pequenas no início, tendem a crescer cada vez mais, exatamente como o calor debaixo da panela, até que a pessoa acaba fazendo algo obviamente desonesto. O caminho para o pecado é percorrido passo a passo, não com um salto espetacular.

Da mesma forma que o indivíduo, a sociedade, como um todo, pode ser desencaminhada. Conforme proclamou Néfi, o filho de Helamã: “... Como pudesdes esquecer vosso Deus...? ...eis que é para procurar obter ganhos, para serdes louvados pelos homens, sim, e para amontoar ouro e prata.” Ele prossegue, afirmando como colocar o coração nas riquezas leva as pessoas a levantar falso testemunho, roubar, saquear e até mesmo a matar. (Veja Helamã 7:20-21.)

Em suma, pensar apenas em obter riquezas, tende a estimular muitos dos desejos pecaminosos do homem, afastando freqüentemente as pessoas da vida cristã, ao invés de levá-las a essa vida. Ao contrário, concentrar nossos pensamentos e desejos no Senhor e em sua obra nos ajuda a nos tornarmos mais semelhantes a ele em vários aspectos importantes.

Primeiro, orgulho e cobiça são eliminados, porque nos concentramos em guardar os mandamentos e em usar os meios de que dispomos para ajudar a prover as necessidades daqueles que carecem de ajuda.

Segundo, o pecado do orgulho é abandonado. Uma vez que o compartilhar e compadecer-se são as forças motivadoras de nossa vida, qualquer riqueza que obtivermos serve como recurso de generosidade, e não como um meio de orgulho e ostentação.

Terceiro, tendemos a pensar nos outros antes de pensarmos em nós mesmos. Colocamos Cristo em primeiro lugar, nosso próximo em segundo lugar e a nós mesmos em terceiro, uma ordem de prioridades espiritualmente muito saudável.

João, e outros como ele, devem reconhecer os perigos de buscar riqueza antes de buscar o reino de Deus. Na realidade, a riqueza tem pouco a ver com nossa capacidade de servir ao Senhor. Na igreja do Senhor, aqueles que administram uma loja, cultivam a terra, trabalham num escritório e lecionam numa sala de aula, têm todas as oportunidades de servir, se forem fiéis e capazes.

“Buscai não as riquezas mas a sabedoria, e eis que os mistérios de Deus vos serão revelados, e então sereis enriquecidos. Eis que é rico aquele que tem a vida eterna.” (D&C 6:7.) □

VAMOS FALAR SOBRE ISSO!

1. Quer você se considere rico ou pobre, que tipo de atitude o Senhor desejaria que você tivesse em relação a seus recursos pessoais?

2. Para uma melhor compreensão do conselho do Senhor sobre este assunto, leia e discuta D&C 56:16-18.



UM POVO
SE REALIZA



UM SONHO SE REALIZA

Johann Schneider

Certa manhã, minha mulher me disse: — Hans, sonhei algo muito estranho na noite passada. Dois rapazes nos falavam a respeito de uma igreja diferente, e nos filiamos a ela. O que você acha disso? — perguntou, hesitante. Concordamos em que o sonho não parecia ter qualquer significado, pois nunca iríamos querer deixar nossa própria igreja.

O sonho fora esquecido há muito, quando, aproximadamente um ano depois, minha mulher me recebeu depois do trabalho com a notícia de que — dois rapazes estiveram aqui hoje e me falaram sobre a igreja deles. — Vi um traço de preocupação em seu rosto. — Mas nós vamos ficar na nossa igreja — respondi confiante. — Bem — disse ela — eles querem voltar e falar com você. — Não fiquei nada contente por ter de falar com eles.

Poucos dias depois, abri a porta e vi dois rapazes de boa aparência. Apresentaram-se como missionários de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Na conversa que se seguiu, perguntaram-me: — O senhor crê que a Igreja de Jesus Cristo está na terra hoje? — Minha mulher e eu já havíamos pensado nessa pergunta, ao estudar a Bíblia. Concluimos que, se houvesse uma igreja verdadeira, ela teria que ter todas as doutrinas que Jesus ensinou. As igrejas que conhecíamos, inclusive a nossa, não eram completas. — Se existir — disse eu — tem que ter todas as coisas que Jesus ensinou. Mas ela não existe.

Os missionários disseram que a igreja que eles representavam era organizada da mesma forma que a igreja na época de Cristo. Acrescentaram que essa igreja tinha revelação contínua de Jesus Cristo.

Senti pena deles: haviam sido tão iludidos! Disse-lhes: — Tenho certeza de que, da mesma forma como a nossa igreja tem erros em sua doutrina, a sua

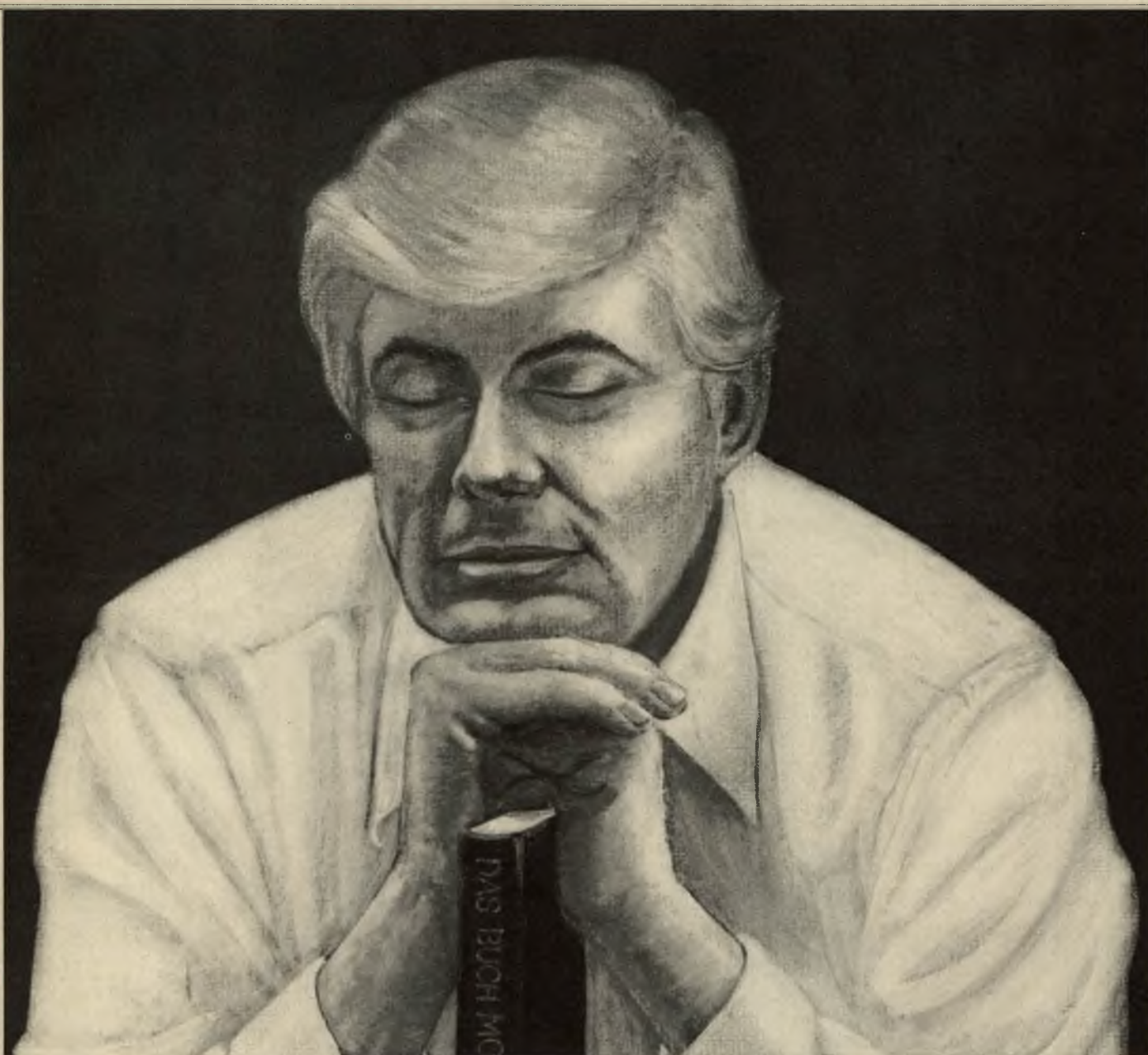
também tem. Alguém acrescentou, mudou ou tirou alguma coisa. — Eles testificaram de novo que a igreja deles era a própria igreja de Cristo, organizada com sua autoridade e dirigida por ele.

Pouco depois, falei com minha mãe sobre os missionários. Ela sorriu e foi ao seu quarto, e voltou com um exemplar do Livro de Mórmon. Disse-me que eu podia ficar com ele.

Comecei a ler o Livro de Mórmon com uma atitude curiosa, mas negativa. Ao ler a primeira página, pensei com raiva que aquilo fora escrito por um homem que tinha uma imaginação viva e conhecia a Bíblia muito bem. Li duas páginas mais, fechei o livro impetuosamente, joguei-o na mesa, e exclamei: — Que farsa! — Na visita seguinte dos missionários, disse-lhes que achava que o Livro de Mórmon era uma fraude. Era como a Bíblia, disse eu, com a diferença de se referir ao continente americano. Mas, sem desanimar, os missionários responderam facilmente às perguntas que eu e minha mulher fazíamos, nessa e nas visitas subseqüentes. Eu não conseguia achar nada de errado naquilo que eles nos ensinavam, mas não conseguia aceitar o Livro de Mórmon.

No entanto, os missionários testificaram que eu poderia saber se o Livro de Mórmon era verdadeiro, caso seguisse a admoestação de Morôni e buscasse sinceramente a orientação divina. (Veja Morôni 10:4.) Tendo orado, e enquanto ouvia as palavras de Morôni, recebi um testemunho espiritual que nunca consegui descrever. Uma compreensão de que o Livro de Mórmon e a Igreja eram verdadeiros penetrou em cada parte do meu corpo e de minha alma. Feliz, exclamei para minha mulher: — Margrit, Margrit, sei que é verdadeiro!

Margrit continuou a buscar seu próprio testemunho,



e poucas semanas depois, ela também sabia a verdade. Marcamos a data de nosso batismo.

No dia do batismo, no exato momento em que eu estava para entrar na água, experimentei o poder de Satanás mais forte do que jamais imaginara. Queria correr e escapar. Por um momento, minha respiração parou, e achei que meu coração também pararia. Fui tentado a desistir, mas percebi que jamais poderia perdoar-me, se negasse a verdade que agora conhecia. Lutei contra a influência do mal com todas as minhas forças, e ela me abandonou tão rapidamente quanto viera. Sabendo que minha decisão era a correta, entrei na água com calma certeza e um sentimento de felicidade em meu coração.

Alguns dias depois, estava sentado com minha

mulher e ela me perguntou: — Hans, você ainda se lembra de meu sonho?

— Que sonho? — quis saber.

— O sonho que tive a respeito dos dois rapazes que nos visitavam. Eles nos falaram sobre a igreja deles e nós nos filiamos a ela. Lembra-se?

A lembrança do sonho esquecido voltou. Com alegria percebemos que o sonho era uma revelação do que viria a acontecer, e a sua lembrança, uma confirmação de nosso testemunho. Foi um sonho que se realizou. □

Johann Schneider é agora presidente do Ramo Trier, Estaca Mannheim Alemanha. Este foi o artigo que enviou para o Concurso Literário Europeu de 1986, patrocinado pelas edições em línguas européias do International Magazines.



O ESPÍRITO SANTO: UMA PRESENÇA VIVA AO MEU LADO

Lola B. Walters

Certa noite, enquanto estava deitada insone, sentindo-me desanimada e muito só, lembrei-me de uma escritura no evangelho de João em que o Salvador promete a seus discípulos que nunca os deixaria sem consolo. Acendi a luz, peguei minha Bíblia, e abri-a no capítulo quatorze. No fim do versículo vinte e seis, parei, e depois reli o versículo: “Mas aquele Consolador, o Espírito Santo, que o Pai enviará em meu nome, esse vos ensinará todas as coisas.”

Essas palavras me deram o primeiro senso de esperança que tive em muitos meses. Meu marido, Glenn, estava sofrendo de uma doença chamada mal de Alzheimer, para a qual não há cura conhecida. O mal de Alzheimer afeta o sistema nervoso central que, num período de meses ou anos, diminui nossa capacidade mental e física.

Glenn era um homem maravilhoso e íntegro antes de adoecer. Aguardávamos com ansiedade muitos anos felizes de serviços na Igreja juntos e a oportunidade de fazer missão. Mas, à medida que seu estado piorava, Glenn foi obrigado a deixar todas as atividades que o fizessem pensar. Desistiu dos chamados na Igreja, parou de ler, deixou de fazer as coisas que gostava de fazer, e deixou até mesmo de assistir à televisão. Com o tempo, chegou até a perder-se quando andava fora de casa, e não podia mais ir a nenhum lugar sozinho.

Sem poder manter-se ocupado, Glenn ficou agitado e dependente de mim para fazer qualquer coisa com ele ou levá-lo a algum lugar. Eu passava todo meu tempo com ele.

Os problemas decorrentes de cuidar do meu marido aumentaram muito. Os pacientes com mal de Alzheimer são geralmente difíceis de cuidar. Glenn

começou a recusar minha ajuda. Tornou-se impossível argumentar com ele, porque a essa altura perdera a capacidade de falar e de entender a língua. Nossos dias se transformaram em longas lutas para conseguirmos lavá-lo, vesti-lo, barbeá-lo. Meus sentimentos dividiam-se entre impaciência — chegando à raiva — e profunda compaixão para com meu marido indefeso. Apesar de todos os problemas, queria cuidar dele eu mesma. Mas tinha que aprender a como cuidar dele, e sabia que precisava de mais ajuda do que poderia obter em qualquer outra fonte terrena. Eu não sabia como ajudá-lo até ler a passagem no evangelho de João.

Nunca pensara no Espírito Santo como um professor. Orara continuamente por força para cuidar de Glenn, mas até então confiara em minha própria sabedoria. Agora uma escritura me mostrava o caminho para ir além de minha limitada capacidade. Senti compaixão para com outras pessoas que estavam em situação semelhante, cuidando constantemente de pessoas doentes ou idosas. Espero que se dêem conta de que há uma ajuda divina à sua disposição, se apenas pedirem.

Desde aquela noite insone em que fui inspirada a ler as palavras amorosas do Salvador, venho pedindo ajuda ao Senhor, e o Espírito Santo tem sido como uma presença viva ao meu lado, confortando-me e ensinando-me a cuidar de meu marido. Embora Glenn agora se comporte mental e fisicamente como um bebê, estou em paz. Meu coração não se acha perturbado no presente, nem tenho medo do futuro. Sei que o Espírito Santo me confortará e orientará. Minha vida tem sentido. Estou servindo ao Senhor, cuidando de um de seus filhos indefesos. □

OS SUSSURRO

Hans Cohr

Em março de 1976, minha mulher, meus dois filhos e eu fomos batizados. Estávamos muito felizes, sentindo que começávamos uma vida completamente nova. Para as férias daquele verão, alugamos uma cabana de madeira em Jotunheimen, uma das áreas de paisagem mais linda da Noruega.

Numa pequena cabana, cercados pelas montanhas mais altas da Noruega, minha família e eu passamos juntos alguns dias maravilhosos. Embora estivéssemos a quase quatorze quilômetros de nosso vizinho mais próximo, nunca nos achamos sós. Sentíamos o espírito do Senhor conosco de maneira bastante forte. Naquele

verão, tivemos uma experiência que ainda hoje me faz tremer de humildade e gratidão pelo grande amor que o Senhor tem a seus filhos.

Bem cedo numa manhã bonita e sem nuvens, começamos uma longa caminhada. Vimos ravinas profundas e picos nevados refletidos em lagos azuis nas montanhas. A caminhada foi um pouco mais difícil do que havíamos previsto, mas apreciamos a solidão e a magnífica paisagem. A três ou quatro quilômetros de nosso destino, tivemos que atravessar uma escarpa estreita chamada Besseggen, para chegar à montanha chamada Veslefjeldet. Achei que podíamos atravessá-lo em segurança, mas uma voz mansa e delicada dentro de mim parecia sussurrar que não devíamos ir por aquele caminho. Como fora batizado apenas quatro meses antes, e ainda não estava familiarizado com os sussurros do Espírito Santo, não dei atenção à advertência.

Ao chegarmos mais perto da montanha ouvi novamente a voz



S DO ESPÍRITO SANTO

me advertindo; então, parei e estudei o mapa. Se não passássemos por Besseggen e Veslefjeldet, teríamos que contornar uma montanha e um lago, chegando ao nosso destino só à meia-noite. Pensei em nossas pernas cansadas e na sacola de comida vazia, e decidi continuar pelo caminho que estávamos seguindo.

Quando alcançamos o sopé da montanha, a voz mansa claramente repetiu: "Hans, você não deve passar sobre a montanha." Paramos novamente e olhamos em direção à estreita escarpa. O sol brilhava e o ar estava calmo, e eu continuava não vendo nenhuma razão para dar atenção à advertência. Começamos a subir.

Eu ia na frente, enquanto minha mulher, Lise, seguia atrás, mantendo as crianças em segurança entre nós dois. Tivemos pouca dificuldade para subir, e, mesmo assim, eu ainda sentia que estava fazendo alguma coisa errada. Em meio à subida, paramos para admirar a paisagem. À nossa esquerda, havia um precipício de cento e cinquenta metros de profundidade, e à nossa direita, a encosta da montanha caía abruptamente quinhentos metros.

Lise e as crianças estavam emocionadas com a quietude e a

paisagem maravilhosa, mas eu continuava ansioso.

Repentinamente, senti uma rajada de vento vinda do norte, e ouvi um som que ficava cada vez mais alto. Minutos depois, estávamos em meio a uma violenta tempestade. Gritei à minha família que se deitasse e segurasse firme. Cada um de nós agarrava-se à montanha desesperadamente, procurando fincar os dedos na terra, mas as rajadas de vento eram tão violentas, que aos poucos estávamos sendo arrastados para a beirada.

De repente, entendi o que havia feito. Lembrei-me das palavras dos missionários a respeito dos sussurros suaves do Espírito Santo, e percebi que durante a última meia hora, os havia ignorado três vezes. Orei para que o Senhor salvasse minha esposa e filhos. Cheio de remorsos, implorei por perdão.

Então, em meio aos uivos do vendaval, ouvi uma voz profunda e poderosa dentro de mim, mandando-me descer a encosta da montanha. A voz me advertiu de que aquele que não obedece à voz do Senhor, será expulso de sua presença.

Repentinamente, a tempestade cessou e houve um calmo silêncio. Pasma, dobrei os joelhos para dar graças e reconhecer o poder do Senhor. Minha mulher e meus filhos gritaram para que eu me apressasse e pudéssemos subir até o topo da montanha. Mas agora eu sabia melhor. Temos que descer, ordenei, imediatamente! Sem saber por que, minha família obedeceu. Quando alcançamos o sopé da montanha, ouvimos outra vez um barulho violento, e poucos momentos depois, o vendaval rugia ainda mais forte que antes. Conte à minha família o que me acontecera na escarpa da montanha. Juntos, ajoelhamo-nos para agradecer ao Senhor por termos poupado a vida.

Até o dia de hoje, passados mais de dez anos, não consigo pensar nessa experiência sem grande emoção. Naquele dia de verão, enquanto me agarrava à encosta de uma montanha na Noruega, o Senhor ensinou-me e à minha família o valor de atentarmos para os sussurros do Espírito Santo. □

Hans Cohr é bispo da Ala Fredricia, Estaca Aarhus Dinamarca. Este foi o artigo vencedor na categoria experiência pessoal do Concurso Literário Europeu de 1986, promovido pelas edições em línguas européias do International Magazines.

SUICÍDIO:

ALGUMAS COISAS QUE SABEMOS,

E OUTRAS QUE NÃO SABEMOS

Élder M. Russell Ballard
do Quorum dos Doze Apóstolos

Lembro-me de haver presenciado o funeral de um homem mais velho que havia tirado a própria vida. Sua esposa morrera anos antes, sua saúde fora-se deteriorando, via cada vez menos uma razão para viver. Pouco a pouco ficou confinado entre as quatro paredes de sua casa. Semi-invalído, não podia visitar amigos ou fazer compras. Sua comida era entregue na porta. Deixando de ir à Igreja, sentia falta da convivência normal com os outros membros de seu quorum do sacerdócio.

Embora não pudesse sair de casa, o médico assegurou-lhe que poderia viver muitos anos mais. — Você não fuma nem bebe — disse o médico. — Cuidou bem de si mesmo. Se não fosse pelo fato de estar confinado à casa e sua cadeira de rodas, eu diria que você é saudável.

Embora o médico estivesse procurando encorajá-lo, o homem sentiu-se acabrunhado. Esse bom irmão achava que sua vida terrena não tinha mais nenhum valor, e quis juntar-se à sua amada esposa no mundo espiritual. Quanto mais pensava a respeito da morte, mais atraente lhe parecia. Havia sido um membro fiel

da Igreja durante toda a vida; fizera duas missões e havia sido diligente em vários cargos em diferentes épocas de sua vida. Mas, ao pensar no alívio que encontraria na morte, sua mente ficou confusa. Obviamente concluiu que tirar a própria vida resolveria seus problemas.

Conversei com a família após o funeral. Como podem imaginar, estavam muito perturbados com o que o pai e avô fizera. Suas emoções iam da tristeza à raiva e sensação de culpa. — Eu deveria ter notado como ele estava deprimido — disse uma filha. — Então poderia ter ajudado e evitado isto.

Um filho foi um tanto áspero: — Nunca pensei que meu pai fosse um homem tão pouco inteligente. Mas o que se pode dizer? Se ele nos amasse, nunca teria feito uma coisa dessas!

A Angústia e Incerteza

O comentário do filho mais novo expressava o desespero de todos: — Não há esperança para papai agora, há? — disse ele. Era mais uma afirmação do que

pergunta. — Todas as coisas boas que fez durante a vida inteira não importam mais. Agora que tirou a própria vida, ficará no reino telestial por toda a eternidade. — E então chorou.

As emoções expressas por esses familiares são comuns entre os santos dos últimos dias que enfrentam o suicídio de um ente querido ou amigo. A angústia e incerteza que sentem são extremamente dolorosas e difíceis.

Infelizmente, o problema afeta muitas vidas. Infelizmente, o problema existe também entre os membros da Igreja, assim como entre não-membros.

O ato de tirar a própria vida é realmente uma tragédia, porque esses simples ato deixa muitas vítimas: primeiro, aquele que morre, depois dezenas de outros — familiares e amigos — deixados para trás, alguns enfrentando anos de profunda dor e confusão. As vítimas vivas lutam, às vezes desesperadamente, com emoções difíceis. Além dos sentimentos de tristeza, raiva, culpa e rejeição das vítimas de uma família assim, os santos dos últimos dias carregam um outro fardo. O propósito de nossa vida mortal, sabemos, é provar-nos, para que eventualmente retornemos para viver no reino celestial. Aquele que comete suicídio torna isto impossível, pensam alguns, destinando-se ao reino telestial.

Será que é assim? Qual é a verdade em relação ao suicídio?

O que Disseram os Profetas?

Os profetas nos ensinaram alguns princípios importantes sobre o suicídio, mas é possível que muitos de nós tenhamos entendido mal. Vamos examinar alguns ensinamentos fundamentais dos profetas a respeito desse assunto.

Primeiro, o Presidente George Q. Cannon, da Primeira Presidência, fez uma afirmação clara a respeito da seriedade do suicídio, quando disse: “O homem não se criou a si mesmo; não deu ao espírito uma morada humana. Foi Deus quem criou o homem, tanto o corpo como espírito. Portanto, o homem não tem direito de destruir aquilo que não criou. Aqueles que fazem isso são culpados de assassinato, um auto-assassinato, na verdade: mas não estão mais justificados, matando-se, do que estariam matando outras pessoas. Não sei qual a diferença de punição para os dois crimes; mas é claro que ninguém pode destruir um

dom tão precioso quanto a vida, sem incorrer numa severa penalidade.” (*Gospel Truth*, 2 vols, Salt Lake City: Zion's Book Store, 1957, 1:30; grifo nosso.)

O Presidente Spencer W. Kimball fez um pronunciamento igualmente forte em 1976. “É um crime terrível uma pessoa decidir encurtar sua vida por meio do suicídio”, diz ele. (*Teachings of Spencer W. Kimball*, editado por Richard L. Kimball, Salt Lake City: Bookcraft, 1982, p. 187.)

Essas declarações em si mesmas poderiam significar que não há lugar para esperança. No entanto, embora salientem a seriedade do suicídio, não mencionam o destino final daqueles que tiram a própria vida.

O falecido Élder Bruce R. McConkie ex-membro do Quorum dos Doze, expressou o que muitos líderes da Igreja ensinaram: “O suicídio consiste em tirar-se a própria vida voluntária e intencionalmente, particularmente quando a pessoa envolvida é responsável e tem mente sã... As pessoas submetidas a forte tensão podem perder o auto-controle e ficar mentalmente confusas, a ponto de não serem mais responsáveis por seus atos. Essas pessoas não devem ser condenadas por tirarem a própria vida. Convém lembrar também que o julgamento é do Senhor; ele conhece os pensamentos, intentos e capacidade dos homens; e, em sua infinita sabedoria, fará todas as coisas certas no momento adequado.” (*Mormon Doctrine*, Salt Lake City: Bookcraft, 1966, p. 771; grifo nosso.)

Só o Senhor Conhece Todos os Fatos

Não faz muito tempo, fui solicitado a falar no funeral de um amigo querido que cometera suicídio.

Conhecendo a pessoa e as circunstâncias como eu conhecia, e pesquisando a doutrina sobre o assunto, tive muita dificuldade em me preparar para falar. Só obtive paz, quando reconheci que apenas o Senhor poderia exercer um julgamento justo. Só ele conhecia todos os fatos, e só ele saberia o intento do coração de meu amigo. Resignei-me com a idéia de que uma vida inteira de bondade e serviço certamente será, sem dúvida, considerada pelo Senhor ao julgar a vida de uma pessoa. Na misericórdia do Senhor, talvez se apliquem as palavras de Alma:

“O plano de restauração é imprescindível para a justiça de Deus; pois é necessário que todas as coisas sejam devolvidas à sua própria forma. E eis que é imprescindível e justo, de acordo com o poder e

ressurreição de Cristo, que a alma do homem seja devolvida a seu corpo e que todas as partes do corpo lhe sejam devolvidas.

E é imprescindível à justiça de Deus que os homens sejam julgados de acordo com suas obras; e se suas obras forem boas nesta vida, bem como os desejos de seus corações, sejam eles também, no último dia, restaurados ao que é bom.” (Alma 41:2-3.)

Sinto que o julgamento pelo pecado não é sempre tão simples quanto alguns parecem pensar. O Senhor disse: “Não matarás.” Isto significa que toda pessoa que matar será condenada, não importa quais forem as circunstâncias? Sinto que o Senhor reconhece as diferenças de intenção e circunstâncias: a pessoa que tirou sua vida era mentalmente enferma? Encontrava-se tão profundamente deprimida a ponto de estar desequilibrada ou emocionalmente perturbada? O suicídio significou um trágico, deplorável pedido de socorro que foi ignorado tempo demais ou progrediu mais rapidamente do que a vítima pretendia? A pessoa de alguma forma não entendeu a seriedade do ato? Estava sofrendo de algum desequilíbrio químico em seu organismo que a levou ao desespero e à perda de auto-controle?

Obviamente, não conhecemos todos os fatos referentes a todos os suicídios. Só o Senhor conhece todos os detalhes; é ele quem vai julgar nossas ações aqui na terra.

Quando nos julgar, sinto que levará em consideração todas as coisas: nossa formação genética e química, nosso estado mental, nossa capacidade intelectual, os ensinamentos que recebemos, as tradições de nossos pais, nossa saúde e assim por diante.

Aprendemos nas escrituras que o sangue de Cristo expiará os pecados dos homens “que morreram sem conhecer a vontade de Deus acerca de si mesmos, ou que pecaram por ignorância” (Mosiah 3:11).

Assim, a pessoa que nunca ouviu nada acerca da Palavra de Sabedoria, por exemplo, e se torna alcoólatra, será julgada de maneira diferente de alguém que conhece a Palavra de Sabedoria, e a *entende*, e depois escolhe o caminho que leva ao alcoolismo.

O livro *O Milagre do Perdão*, do Presidente Kimball, nos dá uma visão da responsabilidade de algumas pessoas que cometeram suicídio. “Um ministro meu amigo, a quem eu conhecia bem, foi encontrado pela esposa, pendurado numa corda presa a um caibro do

teto do sótão”, escreveu o Presidente Kimball. “Seus pensamentos haviam-lhe tirado a vida. Havia-se tornado taciturno e desanimado há dois anos ou mais. Com certeza o suicídio não foi coisa de momento, pois eu o conhecera como pessoa alegre e agradável. Deve ter sido um longo declínio, cada vez mais profundo, *que a princípio conseguiu controlar, mas que, depois, ao aproximar-se do fim da estrada, fugiu-lhe ao domínio.* Ninguém em seu “juízo perfeito” e especialmente tendo certa compreensão do evangelho, permitir-se-ia chegar a esse ponto de onde não há retorno.” (*O Milagre do Perdão*, p. 106; grifo nosso.)

“De Acordo com as Obras Praticadas”

Felizmente, o Profeta Joseph Smith ensinou esta doutrina esclarecedora:

“Enquanto uma parte da raça humana julga e condena a outra sem piedade, o grande Pai do universo vela por toda a família humana com cuidado e consideração paternais;... é um Legislador sábio, e julgará todos os homens, não de acordo com as estreitas e bitoladas noções humanas, mas “segundo as obras que realizaram na carne, sejam elas boas ou más”, ou se essas obras foram realizadas na Inglaterra, América, Espanha, Turquia ou Índia... Não há razão para duvidar da sabedoria e do julgamento do Grande Jeová. Ele conferirá julgamento ou misericórdia a todas as nações, de conformidade com o que merecem: suas maneiras de obter conhecimento, as leis por meio das quais se governaram, suas facilidades para obter informações corretas, segundo os inescrutáveis propósitos divinos com relação à família humana. E quando se manifestarem os propósitos de Deus e se descerrar a cortina do futuro, todos nós, finalmente, teremos que confessar que o Juiz de toda a terra agiu com plena justiça.” (*Ensinamentos do Profeta Joseph Smith*, p. 213.)

Tiro uma importante conclusão das palavras do profeta: o suicídio é um pecado, um pecado muito grave; no entanto, o Senhor não julgará a pessoa que comete esse pecado estritamente pelo ato em si. O Senhor atentará para as condições da pessoa e para seu grau de responsabilidade no momento em que o ato foi cometido. É claro que isso não nos dá nenhum motivo para nos desculparmos por cometer pecados, nem o Senhor nos desculpará, se é que entendi corretamente. Temos que procurar constantemente seguir o melhor

que pudermos o exemplo do Salvador em todos os aspectos de nossa vida. Ao mesmo tempo, no entanto, lembremo-nos de que o crescimento espiritual se dá “linha por linha”, e de que a chave, tanto no mundo espiritual como na mortalidade, é continuar avançando pelo caminho correto.

Algumas Opiniões Pessoais

Recentemente ouvi algumas experiências de famílias de suicidas que dão esperança a outras pessoas que estão sofrendo. Devo salientar que as experiências espirituais individuais de membros da Igreja não determinam a doutrina da Igreja. Ainda assim, essas experiências são compatíveis com as idéias que estamos discutindo. A primeira experiência trata de uma jovem, cujo pai acabou com a própria vida quando ela estava com cinco anos de idade. O pai não era membro da Igreja, nem tampouco a filha, que se tornou membro muitos anos depois.

“À medida que crescia”, diz ela, “senti claramente que havia algo que meu pai queria muito que eu fizesse por ele. Aprendera na minha igreja que ele se matara e que estava no inferno. Mas me parecia que, embora tivesse errado ao se matar, pensara que estava fazendo um favor à família. (Ele era um alcoólatra que não conseguia se livrar do vício.) Comecei a procurar na Bíblia para ver o que poderia ter-lhe acontecido. À medida que o tempo passava, fiquei sabendo que, de certa forma, havia sofrido com seus problemas, e que agora precisava que eu fizesse alguma coisa por ele. Continuei a pensar: “Mas o que você pode fazer por alguém que já está morto?” E a resposta vinha: “Algum dia, se continuar a procurar, você saberá.”

Finalmente fui batizada na Igreja. Quando ouvi pela primeira vez a respeito do batismo pelos mortos, fiquei emocionada. Agora sabia o que meu pai queria que eu fizesse! Realizei a obra necessária e enviei seu nome ao Templo de Idaho Falls, onde tive o privilégio de ver um irmão batizar-se vicariamente pelo meu pai; sua investidura foi feita no mesmo mês. Sinto claramente que ele aceitou as duas ordenanças e que é muito abençoado por isso.”

A experiência a seguir é relatada por um membro da Igreja, cujo pai acabou com a própria vida depois de um longo período de doença. As referências a descobertas recentes da ciência médica são esclarecedoras.

Melhor Conhecimento Médico

“Nunca esquecerei o momento em que telefonei para casa naquela manhã de 1977 e ouvi um tenente da polícia atender, informando-me do suicídio de meu pai. Meu pai era um homem terno, gentil que nunca magoara ninguém intencionalmente. Sempre considerara seu corpo um templo. No entanto, alguma coisa errada acontecera com o organismo de papai, e ele se transformara num homem muito doente.

Então, em 1980, passei eu próprio por uma terrível mudança física que me deu certa compreensão do estado mental de meu pai durante as semanas que precederam sua morte. O diagnóstico no meu caso foi hipertiróidismo. Meu corpo experimentou uma grande parte do sofrimento que papai havia sentido. Passei quatro semanas sem dormir. Os soníferos não funcionavam. Se conseguia adormecer, acordava logo depois, banhado em suor. Muitos dos sintomas eram de origem emocional. Sentia medo e sofria de uma profunda depressão. Durante dezoito meses recebi medicação, e a doença foi finalmente controlada. Sou grato por ter um médico capaz para ajudar-me.

Passar por essa experiência me ajudou a entender melhor a morte de meu pai. Passei horas fazendo pesquisa e descobri que antes de 1979, havia pouca informação a respeito do hipertiróidismo. Os males da tireóide podem ser hereditários, e, desde minha experiência, descobrimo-los em dois de meus primos paternos. Achei também um artigo escrito por um médico que se perguntava quantas pessoas estavam em instituições mentais com desequilíbrios químicos que poderiam ter sido corrigidos.

Talvez papai tivesse essa mesma doença. Por tudo o que estudei, acho que posso pensar que ele teve. Isso me ajuda a enfrentar sua morte. Para um homem que cuidava tanto de si mesmo, esgotar-se tão rapidamente e ficar doente tão de repente, pode-se crer que ele tinha uma doença desconhecida.

Papai acreditava no Senhor com todo seu coração e tinha um testemunho forte e sólido. A causa de sua morte pode ter prejudicado sua entrada no mundo espiritual, mas não a vida bonita que levou durante cinquenta anos.

Sei que meu Pai Celestial me ama e zela por mim e me dá a paz de que agora desfruto.”

Esta última experiência testifica da paz que nosso Pai Celestial pode dar àqueles que ficam.

Não Pôde Suportar a Perda

“Na época do suicídio de minha mãe, ela perdera seu companheiro terreno, estava com péssima saúde, e não aceitava ajuda voluntariamente. Ela dissera à minha tia que podia suportar a perda de meu pai ou as dificuldades com a saúde, mas não podia suportar as duas. Creio que pensou em suicídio logo depois que meu pai morreu num acidente de carro. Fiquei preocupada a ponto de abordar a possibilidade com seu médico, mas nada foi feito. Creio que o motivo é a falta de compreensão que temos, como sociedade, ao lidar com esse tipo de problema.

Acho que o Senhor considerará cada caso separadamente, e julgará as condições de cada indivíduo. Busquei sinceramente a orientação de nosso Pai Celestial para me ajudar a entender a natureza do suicídio. Pelo que me foi dado saber, assim como qualquer outra coisa que sei do Senhor, que essas pessoas têm um lugar no reino de nosso Pai, e não é um lugar de escuridão ou desespero, mas um local onde podem receber conforto e encontrar serenidade.”

Não podemos medir essas experiências espirituais em particular, é claro. Não sabemos até que ponto é possível que essas pessoas cresçam e se desenvolvam em retidão até que possam receber as bênçãos da exaltação. Elas cometeram um pecado muito grave, e algumas conseqüências desse fato podem acompanhá-las por toda a eternidade. Somente nosso Pai Celeste sabe a resposta completa às perguntas que nosso

coração faz em relação àqueles que tiraram a própria vida.

Mas está claro que existe esperança. O Presidente Joseph F. Smith aprendeu este importante princípio perto do fim de uma longa vida de serviço à Igreja. Teve uma visão da obra de salvação processando-se entre os mortos e escreveu:

“Vi que os élderes fiéis desta dispensação, quando deixam a vida mortal, continuam os seus labores de pregação do evangelho de arrependimento e redenção, através do sacrifício do Filho Unigênito de Deus, entre aqueles que estão nas trevas e *sob a escravidão do pecado* no grande mundo dos espíritos dos mortos.

Os mortos *que se arrependerem serão redimidos* através da obediência às ordenanças da Casa do Senhor.

E *depois de haverem cumprido o castigo pelas suas transgressões* e de serem purificados, receberão uma recompensa de acordo com as suas obras, porque são herdeiros da salvação.” (D&C 138:57-59; grifo nosso.)

Sou grato pelo grande plano de salvação que nosso Pai Celestial estabeleceu para nós. É um plano de grande justiça, um plano de grande amor.

Quando penso na preocupação e agonia daqueles cujos entes queridos tiraram a própria vida, encontro profundo conforto e fé na promessa e bênção do Senhor para nós que permanecemos na mortalidade: “Deixo-vos a paz, a minha paz vos dou: não vo-la dou como o mundo a dá. Não se turbe o vosso coração, nem se atemorize.” (João 14:27.) □



IRMÃ HOOPER

— Sherrill Allen —

Minha primeira impressão de Edith Hooper foi o cabelo branco circundando um rosto cheio de rugas. Seus olhos grandes davam a impressão de que estendera uma tela diante deles para impedir que as pessoas vissem seu interior mais profundo.

A Irmã Hooper era uma viúva idosa, e convertera-se à Igreja havia pouco tempo. Minha visita a ela era minha primeira experiência como professora visitante. Fora-me pedido que fosse naquele mês com uma professora visitante cuja companheira estava doente.

Uma vez na casa da Irmã Hooper, notamos vários armários de vidro contendo uma grande coleção de conchas interessantes. A Irmã Hooper tornou-se notadamente mais amável, quando lhe perguntamos a respeito dessa coleção. Mas manteve-se distante e sua televisão continuou ligada durante todo o tempo de nossa visita. Também era evidente que ela ainda lutava com o problema do fumo.

Acho que senti que deu um suspiro de alívio, quando nos levantamos para sair, e parti imaginando

Imaginei quantas vezes na vida aquela doce senhora ouvira as palavras “eu amo você”.



se nossa visita teria feito algum bem. Eu não tinha meios de saber que efeito profundo essa mulher viria a ter em minha vida.

Foi oito anos mais tarde que nos vimos novamente. Eu esquecera tudo a respeito de Edith Hooper até ser designada sua professora visitante. Nossa primeira visita à sua casa confirmou que ainda não vencera o hábito de fumar. Logo soubemos que ela não mais dirigia o carro e não saía muito. Recebia poucas visitas, embora costumasse falar de duas vizinhas que passavam por sua casa ocasionalmente. Sua principal companhia era seu cachorro, Cindy.

Durante alguns meses depois disso, minha companheira, Virginia Lavender, e eu discutimos como poderíamos ajudá-la melhor. Decidimos convidar a Irmã Hooper para almoçar fora e, uma vez que o Natal estava próximo, compramos-lhe um pequeno presente.

Quando voltávamos para o carro após a refeição, Edith perguntou: — Por que estão fazendo isso por mim? Ninguém jamais o fez. — O aperto na garganta não me deixou responder. Aquele almoço foi o início de muitos outros.

A medida que fazíamos nossas visitas mensais, descobrimos que Edith estava bem informada sobre o que acontecia no mundo e na comunidade; ela até torcia para uma equipe de baseball. O que não via na televisão, lia. No entanto, em muitas ocasiões, sua fala parecia tornar-se lenta e suas respostas embotadas. Muitas vezes voltávamos para verificar como estava após nossas visitas.

Um de seus interesses era a história familiar. A Irmã Hooper havia coletado muitas informações e necessitava de ajuda para compilá-las; assim, ofereci-me para ajudá-la a datilografar tudo. Resolvemos que ambas tiraríamos proveito do curso de história familiar

da Escola Dominical. Nas tardes de sábado eu lhe telefonava para lembrá-la, e depois ia buscá-la na manhã seguinte.

Chegamos a nos conhecer realmente nesses domingos que passávamos juntas. Soube que a mãe de Edith morrera quando tinha dois anos, e que fora criada num convento durante os onze anos seguintes. O pai de Edith casou-se novamente, e aos treze anos Edith foi levada da escola para morar em casa e fazer o trabalho doméstico. Tinha poucas oportunidades de passar algum tempo com o pai, porque sua madrastra a mandava retirar-se da sala depois de terminadas as tarefas de casa.

Edith frequentou o segundo grau e depois conheceu Gilbert, seu futuro marido. Gilbert servia na Marinha e, quando era possível, Edith viajava com ele. Foi em Guam e nas Filipinas que ela mergulhou em busca de suas queridas conchas. Ela catalogara todas as conchas de sua coleção, dando sua origem, espécie, além da profundidade e lugar onde as encontrara. Muitas vezes ela mergulhava o dia inteiro.

Ela amava a família de seu marido, considerando-a a família que nunca tivera, e ficou satisfeita quando em nossa obra genealógica pudemos obter a liberação para o batismo e ordenanças no templo em favor de seu pai, seu marido (que morrera anos antes), e vários membros da família dele. Ficou desapontada, no entanto, por nunca termos podido obter informações suficientes para completar a obra por sua mãe.

Um dia recebi um telefonema de sua vizinha, dizendo que Edith caíra e não conseguia levantar-se. Os vizinhos haviam-na levado para a sala de emergência do hospital local e depois para uma casa de repouso, onde Edith deveria ficar durante os meses seguintes. Fui visitá-la, levando várias coisas que ela queria, e pude ver que, sob cuidados constantes, ela

Muitos dias Edith não conseguia expressar-se coerentemente; mas, em outras ocasiões, ela me olhava com amor nos olhos.

estava melhorando muito.

Enquanto estava fora, várias mulheres de nossa ala foram limpar sua casa e pintaram a cozinha para fazer-lhe uma surpresa. Quando ela voltou para casa, as irmãs se organizaram para passar por lá diariamente, comunicando-me quaisquer problemas que surgissem.

Soube que a dificuldade que estava tendo com a fala era causada por falta de alimentação adequada, o que a deixara fraca. Falamos a respeito de sua dieta e tomamos providências para que recebesse diariamente uma refeição equilibrada fornecida por uma empresa de serviços públicos. Também discutimos o problema do cigarro. Ela sabia o que era melhor para ela, mas também sabia que eu a amava, quer fumasse ou não.

A medida que a saúde de Edith piorava e ela se tornava mais dependente, muitas vezes chorava de frustração e constrangimento. Eu passava o braço por seus ombros magros e lhe reafirmava meu amor e preocupação. Pouco a pouco, essa mulher, que nunca aceitara nem dera afeição, exceto, talvez, ao seu marido, começou a reagir aos meus abraços e amizade.

Um dia, recebi outro telefonema da vizinha de Edith: Edith não atendera às batidas na porta. Cheguei e, vendo como estava doente, chamei meu médico. Ele veio rapidamente, diagnosticou pneumonia e nós a levamos para o hospital. Visitei Edith diariamente durante sua estada no hospital.

Edith consentiu em que sua casa fosse alugada para ajudar a pagar as despesas. Eu começara a preencher os cheques para ela, e ela os assinava para o pagamento de suas contas, e finalmente fui designada guardiã legal de seus bens.

Edith decidira doar sua querida coleção de conchas à Universidade Estadual, com a condição de que poderia ficar com algumas. Dois representantes da universidade, meu marido e eu passamos horas

embalando cuidadosamente as conchas para que nenhuma se quebrasse.

— Quanto dinheiro tenho em minha conta bancária? O que foi feito das minhas conchas? — perguntou Edith um dia, quando entrei no quarto do hospital. Depois que respondi às suas perguntas, ela respondeu com gratidão: — Sabia que você cuidaria delas.

Muitos dias, quando a visitava, Edith não conseguia expressar-se coerentemente. Mas, em outras ocasiões, ela me olhava com amor nos olhos, dizendo que eu não deveria fazer tanto por ela. — Talvez eu possa ser a filha que você nunca teve — respondia eu.

Certo sábado, quando a pneumonia havia piorado, e Edith estava gravemente enferma, ela não pôde responder-me. No dia seguinte meu marido a visitou e ela o reconheceu e sugeriu que eu voltasse no dia seguinte.

Quando cheguei lá, tomei Edith nos braços, como fizera muitas vezes antes, e perguntei-lhe se sabia quem eu era. Ela inclinou a cabeça, confirmando que sabia. Disse-lhe que ela estava indo muito bem e que eu estava orgulhosa dela. — Você sabe que a amo, não sabe? — acrescentei. Ela inclinou a cabeça novamente.

Foi nosso último encontro nesta vida. Edith faleceu na manhã seguinte.

Fiz os preparativos para o funeral conforme havíamos combinado. Sentada lá, durante o serviço fúnebre, percebendo que não havia ninguém da família presente, imaginei quantas vezes aquela doce senhora ouvira as palavras “eu amo você”.

“Impossível”, teria dito a qualquer pessoa que me dissesse oito anos antes que eu aprenderia a amar essa mulher retraída e teimosa. Mas ela influenciou minha vida de uma forma que não posso expressar.

Prometi a Edith que realizaria sua investidura no templo, e o fiz. O capítulo está completo. □

ENSINAR AS CRIANÇAS A RESPEITO DE AMIGOS E AMIZADE

Para os adolescentes e pais, a avaliação dos amigos nem sempre é um ponto em que há entendimento. A discussão geralmente se prende aos hábitos ou maneiras desagradáveis dos amigos e sua influência potencialmente prejudicial. Mas a solução dessa controvérsia pode unir os jovens e os pais num momento crítico de sua vida. Certa família fez isso assim:

“Decidimos que, quando um de nossos filhos tem um amigo cujo comportamento, atitude, maneira de vestir ou hábitos nos incomodam, consideraremos isso um problema de família. Os amigos são importantes, porque podem influenciar nossos filhos.



Fotografia de Royce Bair

Mas decidimos que a influência funciona nos dois sentidos, e a influência de nossa família pode ser tão grande sobre os amigos quanto a deles sobre nossos filhos. Assim, em lugar de dizer que Nataniel deveria estar menos com aquele garoto que tem um linguajar ruim, ou que Elizabeth não deveria ter permissão de passar tanto tempo com sua amiga que começou a namorar mais cedo do que nossos filhos podem fazê-lo, nós incentivamos a amizade, mas nos termos aprovados por nós.

Incentivamos nossos filhos a convidarem *frequentemente* esses amigos para fazerem coisas das quais a família toda participa. Não procurávamos fazê-los sentirem-se pouco à vontade, ou colocá-los em situação embaraçosa, nem submetê-los a um exame. Simplesmente acreditávamos que, ao se sentirem bem recebidos, poderiam gostar de nosso jeito, e, se gostassem de nosso modo de vida, poderiam querer fazer o mesmo, ou pelo menos respeitar a nossa maneira. E, além disso, por nossa vez, aprenderíamos a estimá-los.

Nossas tentativas de fortalecer essas amizades até agora não falharam. Todos os jovens amigos que foram recebidos dessa maneira, ou "adotados", como dizem nossos filhos, provaram ser companheiros dignos de nossos filhos, e muitos deles tornaram-se bons e queridos amigos. Se o método parece

idealizado, talvez seja porque é um dos "tesouros ocultos de conhecimento" prometidos àqueles que procuram seguir os mandamentos."

Começar Quando São Jovens

Idealmente, os melhores resultados são obtidos quando pai e mãe tomam conhecimento dos amigos de seu filho e suas atividades desde pequeno. Os pais precisam lembrar-se de que, embora as atividades das crianças menores possam parecer insignificantes e um simples entretenimento, são um assunto sério, mesmo quando as crianças estão brincando de faz-de-conta, rindo e sendo tolas.

É claro que haverá momentos de lágrimas e frustração, à medida que aprenderem a respeito do "dar e receber" na amizade. E essas coisas devem ser enfrentadas com calma compreensão da parte dos pais. Desavenças entre colegas de brincadeiras são comuns e não devem levar os pais a tirarem conclusões apressadas a respeito da inabilidade do filho de se associar com outras pessoas. Todas as crianças têm desavenças, e até mesmo discutem. (Na realidade, aqui, os pais deveriam aprender a lição das crianças a respeito de perdão.) As crianças pequenas têm grande facilidade de perdoar umas às outras e continuar a brincadeira, mesmo depois de brigas acaloradas.

Em certas ocasiões, temos de recorrer à nossa melhor capacidade de argumentação, para ajudar as crianças a verem as coisas pela perspectiva alheia. Além disso, aprendendo a resolver suas desavenças sem brigas, as crianças aprendem a se associar às outras pessoas adequadamente, e a ver o ponto de vista alheio. Como acontece quando se aprende outro idioma, as crianças precisam *adquirir* a consciência do outro, isto é, a consciência de que as outras pessoas têm necessidades exatamente iguais às suas. O exemplo dos pais neste aspecto é vital.

Descobrir e apreciar as necessidades alheias proporciona novo tipo de alegria à criança: aprender a fazer as outras pessoas felizes. Este é um elemento fundamental da amizade. Mas, como muitas virtudes, agradar aos outros pode chegar ao excesso. Descobrir o meio-termo entre agradar aos outros e fazer o que é certo começa em tenra idade e exige anos de prática. As crianças têm que desenvolver um saudável senso do próprio valor que lhes permita respeitar as outras pessoas, não valorizando demais suas opiniões, sem, contudo, considerar seus amigos menos importantes que elas próprias.

À medida que as crianças crescem, começam a selecionar mais conscientemente com quem

querem brincar ou não. Às vezes, sua escolha é baseada em critérios justos, mas em outras é baseada na observação muito superficial.

Nossa sociedade é feita de aparências. Muito do que nos atrai é apresentado só para ter a melhor aparência possível. Assim, tendemos a nos apresentar da mesma forma aos outros para avaliação. Ele está usando a marca certa de roupas? Eles fazem parte do "povão"? Nessa perspectiva, as crianças deixam de apreciar os outros pelo que *são*, em lugar de pelo que simplesmente *parecem* ser. É uma maneira falsa de ver o mundo.

Amizade Dentro do Lar

As primeiras amizades que as crianças fazem são com os membros da própria família. Na verdade, é importante que nossos filhos sejam amigos uns dos outros e nossos, para não buscarem desesperadamente aceitação fora da família. A amizade também une a família e nos oferece oportunidade de ajudar a fortalecer esses relacionamentos. Ela nos permite ensinar as crianças a serem bons amigos e as coisas que a amizade deve incluir, como também outras que ela não deve incluir.

Mais que isso, se pudermos tornar-nos amigos de nossos filhos, criando condições de confiança, respeito e amor, nosso lar estará

aberto e atrairá os amigos de nossos filhos à medida que crescerem. Seus amigos reconhecerão que nosso lar é um local agradável, e respeitarão, se não os adotarem, os padrões que fazem nossa casa ser como é.

Entender os Adolescentes e Seus Amigos

As crianças passam cada vez mais tempo com os amigos, à medida que crescem. É assim que deve ser. Conseqüentemente, não devemos estar tão preocupados com *quanto* tempo nossos filhos passam com seus amigos, mas sim com o *que* estão fazendo e *com quem*.

O que estão fazendo é preparar-se para atuar como adultos, separando-se gradualmente de nós. Mas, às vezes, esse processo pode ser acelerado demais pelas tensões existentes no lar, que fazem os filhos procurar companheirismo em outro local. Tanto um ambiente rígido demais como um ambiente permissivo demais no lar podem criar necessidades não atendidas. Se os pais impõem limitações excessivas, a criança pode procurar amigos que lhe permitirão tomar decisões sem interferência. Por outro lado, ela pode buscar os amigos como um apoio, se os pais forem permissivos demais. Uma criança a quem se permite fazer o que quiser, pode procurar amigos que dêem algum sentido à sua vida, mesmo que o caminho seja errado.



Entre esses extremos, os pais podem influenciar a escolha dos amigos e condições de seus filhos. Criar um adolescente é como segurar um pássaro na mão. Se apertar muito, o esmagará. Se ficar muito solto, ele voará.

Orientar os Adolescentes para Boas Amizades

Os pais podem chegar ao equilíbrio certo entre controle e liberdade ao orientar seus adolescentes, adotando alguns princípios básicos do evangelho. O primeiro é consistência: ser justo e correto ao estabelecer as regras, e administrar disciplina quando essas regras são quebradas. Os adolescentes precisam de consistência em sua vida. Assim tratadas, as crianças adquirem um senso de segurança. A inconsistência causa frustração e pode motivar uma criança a passar a maior parte de seu tempo com amigos em quem confia.

O mesmo acontece com o amor incondicional. Quando há tensão constante ou pouca comunicação no lar, a criança quase sempre procurará intimidade e compreensão em algum outro lugar. Até que os pais possam oferecer uma atmosfera de amor e aceitação sem críticas, nenhum tipo de preocupação com a escolha dos companheiros de nossos filhos surtirá efeito. Quando pudermos

falar com eles, sem tom de voz acusador e até com fúria, haverá muito que fazer pelo desenvolvimento de sua compreensão a respeito da amizade e do valor dos amigos que trazem à tona o melhor da pessoa.

Podemos criar a oportunidade certa para uma discussão a respeito da escolha dos amigos certos, por exemplo, lendo juntos histórias maravilhosas de amizade, como o relato encontrado no Velho Testamento a respeito de Davi e Jônatas. (Ver I Samuel 18-20.) Outra história de amizade é encontrada no Livro de Mórmon, no relato de Alma e dos filhos de Mosiah. (Ver Mosiah 27:8-10.) Essas histórias podem ser comparadas uma à outra e às circunstâncias modernas de tal maneira, que o jovem veja a importância de escolher bons amigos que sigam os padrões do evangelho.

O Elder Marion D. Hanks falou sobre a importância da amizade:

“Uma das escolhas mais importantes que fazemos nesta vida é a dos companheiros com quem passaremos nosso tempo e vida... Os companheiros podem realizar coisas maravilhosas por nós. Se são alegres, generosos, atenciosos, honestos, provavelmente seremos também assim, quando estivermos com eles... Se usam vocabulário limpo e decente, nós também o usaremos.

Se nossos amigos são propensos a pensamentos nobres e bondosos, provavelmente nos ajudarão a pensar assim também. Se seus hábitos são sadios e sensatos, seremos influenciados a ter hábitos semelhantes. Se seus atos são bons e construtivos, nós os acompanharemos.” (*Church News*, 30 de janeiro de 1960, p. 3.)

O tipo de amigos que nossos filhos escolhem é muitas vezes, influenciado pelo tipo de amigos que nós escolhemos. As crianças nos observam quando trazemos amigos para casa, a fim de descobrir com que tipo de pessoa escolhemos passar nosso tempo. Nossos amigos respeitam nossos filhos e os tratam com bondade? Nossos amigos têm valores semelhantes aos nossos?

Em certa ala, pediu-se a um pai que explicasse por que era tão benquisto pela juventude da ala e por que tantos jovens gostavam de ir à sua casa. O homem não sabia a resposta, mas sua esposa respondeu por ele, dizendo: “Ele sempre pergunta e se recorda dos nomes dos amigos de nossos filhos. Quando os vê novamente, chama-os pelo nome e demonstra interesse pessoal por eles, às vezes brincando com eles, às vezes perguntando-lhes coisas sobre sua família e sua vida. Os jovens percebem que ele realmente se interessa por eles.”

Esse pai fez mais pelos filhos, sendo amigo de seus amigos, do que

poderia ter feito com um ano de preleções sobre amizade. As pessoas conseguem perceber quando estamos genuinamente interessados nelas. Da mesma forma, percebem quando nossa atenção para com elas não é sincera. Nossa própria atitude em relação aos amigos de nossos filhos pode ser um modelo importante de como tratar um amigo.

Fortalecer e Ampliar as Amizades

As crianças devem ser incentivadas desde a escola primária a se dedicarem a alguma atividade especial que desenvolva seus talentos e caráter. A atividade em si não é tão importante, mas que ela seja construtiva e que a criança *queira* realizá-la. Dessa maneira, não se torna mais uma coisa que pais precisem repreender ou incitar a criança a fazer. As amizades estabelecidas na busca de aprendizagem e realização podem estar entre as mais satisfatórias. Isto é particularmente verdadeiro em relação a crianças tímidas ou que não se sentem à vontade com outras pessoas, porque aprender e fazer são o propósito principal, e a convivência amigável é um subproduto.

Os programas da Igreja visam envolver os jovens por essas mesmas razões e edificar sua fé em Deus. Se seu filho precisar de alguma coisa que porventura não esteja funcionando em sua área,

poderia ser uma boa idéia falar com outras pessoas sobre essa necessidade. Muitas vezes é o bastante para iniciar alguma coisa proveitosa para todos.

Certa ala, por exemplo, tinha um jovem numa cadeira de rodas que ia a todos os jogos de basquetebol do seu quorum de mestres. Torceu por eles durante toda a temporada, ao fim da qual seu pai perguntou ao consultor do quorum de mestres se poderia organizar um torneio de xadrez para o filho poder participar mais ativamente com seus amigos.

Os jovens daquela ala não só tiveram um torneio de xadrez, como iniciaram o que se tornou um torneio a nível de estaca, que incluiu as moças e todo o Sacerdócio Aarônico, e resultou no entrosamento de muitos jovens que não se teriam conhecido de outra maneira.

Pelo fato de nossos filhos estarem crescendo com o Evangelho de Jesus Cristo em sua vida, esperamos que o Espírito e os princípios do evangelho sejam uma parte importante de suas amizades. Através de conversas freqüentes com nossos filhos, à medida que crescem, podemos fortalecer continuamente em seu coração as qualidades cristãs do verdadeiro amigo: lealdade, confiança, coragem, compaixão e bondade.

As crianças que aprendem esses atributos da amizade atrairão para si outras pessoas e influenciarão para o bem aqueles com quem fizerem amizade. □



SEGUNDA-FEIRA SERIA TARDE DEMAIS

Rachel Wilde

Eu estava servindo como presidente da Sociedade de Socorro em 1969 e senti que precisava fazer um esforço maior para manter contato com as irmãs residentes longe da capela.

Uma dessas irmãs morava a uma hora e meia de distância de minha casa, e a uma hora da capela mais próxima. Ela era diabética, e um derrame a deixara parcialmente paralisada.

Eu combinara visitar essa irmã numa determinada segunda-feira que era feriado. O domingo de jejum precedeu esse feriado, e quando voltamos da Igreja para casa, senti um impulso de visitá-la imediatamente. Meu marido achava que eu teria mais tempo para uma visita adequada no dia seguinte, mas continuei a sentir que não deveríamos esperar. Finalmente, meu marido disse: — Está bem, vamos.

Chegamos à casa dela pouco antes das seis horas da tarde. Batemos e não obtivemos resposta. A casa parecia deserta.

Batemos e chamamos pela fenda da caixa do correio colocada na porta. Estávamos para partir, quando me lembrei do que



Ilustração de Anthony Nethercott

dissera minha amiga: “Quando vier ver-me, abra simplesmente a porta e entre.” Perguntei a meu marido o que achava que deveríamos fazer, e ele disse: — Tente abrir a porta.

A porta abriu-se. Chamei por ela e ouvi uma resposta fraca.

Encontramo-la em meio a uma poça de água no chão da cozinha. A bengala que usava para apoiar-se escorregara, e ela deixara cair uma chaleira com água que estava carregando e caíra no chão. Depois de cair, ela não conseguia mais se levantar.

Meu marido e eu a levantamos e a deitamos no sofá que ela usava como cama, e depois meu marido foi buscar um médico. O médico estivera tentando levá-la para uma casa de repouso para pessoas idosas, e quando veio vê-la, ela finalmente concordou. Percebeu quão grave poderia ter sido o acidente.

Ela me contou que orara ao Senhor pedindo que enviasse alguém para ajudá-la, e sempre fui grata por estar atenta aos sussurros do Espírito naquele dia de jejum. Se tivéssemos adiado a visita até o dia seguinte, teríamos chegado tarde demais. □

PERGUNTAS E RESPOSTAS

Perguntas de interesse geral sobre o evangelho, respondidas à guisa de orientação e não como pronunciamento oficial da Igreja.

Estou confuso a respeito do princípio da liderança do sacerdócio no lar. Poderia explicar como a liderança do sacerdócio deve funcionar na família?



Dennis L. Lythgoe, bispo e autor de dois livros a respeito de casamento e liderança.

Acredito piamente num casamento de iguais, no qual o marido e mulher tomam as decisões juntos, sem que nenhum dos parceiros diga ao outro o que fazer.

No entanto, a família precisa de alguém para presidi-la, e o Senhor designou esta tarefa ao pai. Como oficial presidente, ele pode presidir as noites familiares e os conselhos de família, chamar os membros da família para fazer orações ou abençoar ou apresentar lições. E, se for portador do sacerdócio, o pai

pode abençoar sua esposa e outros membros da família. Pode batizar e confirmar seus filhos e realizar outras ordenanças do sacerdócio em seu favor.

Ter uma pessoa designada como oficial presidente sugere ordem, não superioridade. Todas as deliberações e decisões importantes na família devem envolver de maneira igual o marido e a mulher, ambos interagindo com mansuetude e amor não fingido. Em casos de discórdia, o casal esperará sensatamente até que possa chegar a um acordo, ao invés de um deles impor sua decisão; mesmo os problemas mais sérios devem ser tratados cuidadosamente, permitindo tempo suficiente para que os ânimos se acalmem e se façam orações.

Em alguns casos, uma interpretação adversa do casamento leva ao abuso verbal e físico. O Presidente David O. McKay disse: "Não consigo imaginar um homem sendo cruel com uma mulher. Não posso imaginá-la conduzindo-se de modo que mereça esse tratamento. Talvez haja no mundo mulheres que exasperem seus maridos, mas nenhum homem tem o direito de recorrer à força física e explodir seus sentimentos de modo profano. Indubitavelmente, existem no mundo homens tão bestiais, mas

nenhum portador do Sacerdócio de Deus deve rebaixar-se a tal ponto.” (*Gospel Ideals*, p. 476; citado em “O Matrimônio Deve Ser Eterno”, *A Liahona*, janeiro de 1972, p. 42.)

Doutrina e Convênios 121:36-37 adverte explicitamente contra esse comportamento:

“Os direitos do sacerdócio são inseparavelmente ligados aos poderes dos céus, e... os poderes dos céus não podem ser controlados nem manipulados a não ser pelo princípio da retidão.

É certo que esse poder pode ser conferido sobre nós; mas, quando tentamos encobrir os nossos pecados ou satisfazer o nosso orgulho, nossa vã ambição, exercer controle ou domínio ou coação sobre as almas dos filhos dos homens, em qualquer grau de injustiça, eis que os céus se afastam; e o Espírito do Senhor se magoa; e, quando se afasta, amém para o sacerdócio ou a autoridade daquele homem.”

O Senhor observa que a tentação de exercer domínio injusto é geral, mas que “nenhum poder ou influência pode ou deve ser mantido por virtude do sacerdócio, a não ser que seja com persuasão, com longanimidade, com mansuetude e ternura, e com amor não fingido;

Com benignidade e

conhecimento puro, que grandemente ampliarão a alma, sem hipocrisia e sem dolo” (versículos 41-42).

Em lugar de se preocupar com qual dos dois fica a palavra final, todo homem que se aproxima do casamento deve lembrar-se das palavras do Élder Gordon B. Hinckley, que deu este conselho aos homens:

“Se sois culpados de atitude aviltosa para com vossa esposa; se sois propensos a ditar e exercer autoridade sobre ela; se sois egoístas e brutais em vossas ações dentro do lar, parai, pois! Arrependei-vos!” (*Pedra Angular de um Lar Feliz*, folheto, p. 2.)

Homem e mulher devem ter oportunidade igual de resolver eventuais discórdias. Insistir no direito de tomar decisões é indesejável, tanto para o homem como para a mulher. O casal deve discutir suas diferenças, considerar abertamente os prós e contras, e então tomar uma decisão aceitável para ambos.

A esse propósito, uma amiga minha prefere “unidade com o sacerdócio” à expressão mais familiar de “apoiar o sacerdócio”. Ela diz que o casal precisa apoiar-se mutuamente e caminhar unido em direção às mesmas metas exaltadas.

Se esse tipo de igualdade no

casamento faz tanto sentido, como explicamos a tão conhecida escritura do Apóstolo Paulo?

“Vós, mulheres, sujeitai-vos a vossos maridos, como ao Senhor;

Porque o marido é a cabeça da mulher, como também Cristo é a cabeça da igreja: sendo ele próprio o salvador do corpo.

Vós, maridos, amai vossas mulheres como também Cristo amou a igreja, e a si mesmo se entregou por ela.” (Efésios 5:22-23, 25.)

Como cabeça da Igreja, Jesus foi servo humilde de todos. Serviu aos outros constantemente, amando e se sacrificando por todos. Na realidade, sofreu todas as coisas e deu a vida por todos. Se o marido for um servo amoroso de sua esposa, então “submissão” dela é muito diferente daquela que imaginamos numa situação de controle autoritário. A mulher se submeteria apenas ao tipo de liderança justa exemplificada pelo pleno serviço e sacrifício.

De fato, isto não é absolutamente submissão, como entendemos o termo hoje, mas sim um relacionamento íntimo, cheio de confiança, baseado no amor, razão, diálogo e respeito. Esta, creio, é a relação que o Senhor tem em mente para todos os maridos e mulheres. □

“A CARIDADE NÃO É INVEJOSA”

Objetivo: Sermos gratas por nossas próprias bênçãos e oportunidades, e aprendermos a nos alegrar com as bênçãos e oportunidades alheias.

Quando rapaz, José, o filho de Jacó, teve sonhos proféticos segundo os quais algum dia teria poder e posição. Em vez de se alegrarem com o fato de seu irmão mais novo vir a ser favorecido pelo Senhor, seus irmãos “o invejavam” (Gênesis 37:11). A inveja era tanta, que “conspiraram contra ele, para o matarem.

E disseram uns aos outros: Eis lá vem o sonhador-mor!

Vinde pois agora, e matemo-lo, e lancemo-lo numa destas covas, e diremos: Uma besta-fera o comeu; e veremos que será dos seus sonhos.” (Gênesis 37:18-20.)

O Senhor transformou esse mal num grande bem na vida de José e seus irmãos. José foi vendido como escravo ao invés de ser morto, e no Egito chegou a uma posição de poder na qual pôde salvar sua família da fome.

Mas o pecado dos irmãos os atormentou anos mais tarde. Quando José lhes pediu que trouxessem seu irmão mais novo ao Egito, disseram: “Na verdade, somos culpados acerca de nosso irmão, pois vimos a angústia de sua alma, quando nos rogava; nós porém não ouvimos...” (Gênesis 42:21.) José os perdoou, e a família foi reunida, mas, apesar disso, seus irmãos desperdiçaram muitos anos com a alma desnecessariamente angustiada, e perderam oportunidades de alegria com seu irmão.

Compare a atitude desses irmãos com as do irmão de um outro José — o irmão do Profeta Joseph Smith, Hyrum. Quando jovem, Joseph teve visões. Ao compartilhar com sua família a mensagem que havia recebido do Senhor, Hyrum aceitou essa mensagem. Tornou-se uma fonte de força para Joseph e um valente servo do Senhor, servindo ao lado de seu irmão, mesmo até à morte na prisão de Carthage. Joseph escreveu a respeito de Hyrum: “Irmão Hyrum, que coração fiel você tem! Oh, que o eterno Jeová possa coroar bênçãos eternas sobre sua cabeça, como

recompensa pelo cuidado que teve com minha alma.” (*The Personal Writings of Joseph Smith*, compilado por Dean C. Jessee, Salt Lake City: Deseret Book Company, 1984, p. 531.)

Essas duas histórias ilustram por que “o Senhor Deus ordenou que ... não (tenhamos) inveja” (2 Néfi 26:32). Todos os dias enfrentamos situações nas quais podemos invejar ou cobiçar alguma coisa que outra pessoa possui. Podemos invejar sua casa e a boa situação financeira, seus talentos e habilidades, sua posição na Igreja, ou sua vida familiar feliz. Essa inveja pode consumir nossa alma.

Registrando as palavras de seu pai, Mórmon, Morôni escreveu que a caridade, o puro amor de Cristo, “não tem inveja” (Morôni 7:45). Para sermos cheios desse amor, temos que “(rogar) ao Pai com toda a energia” (Morôni 7:48). Se percebermos que estamos invejando os talentos, posses, modo de vida, ou realizações de outra pessoa, devemos primeiro buscar a ajuda de nosso Pai Celestial. Em sua misericórdia, ele nos abençoará com a capacidade de superarmos a inutilidade destrutiva da inveja, e de nos alegrarmos em sua bondade para com nossos irmãos e irmãs. Buscando o Espírito do Senhor, servindo os outros, e reconhecendo as muitas bênçãos que o Senhor nos dá, podemos vencer sentimentos de inveja e nos alegrar na bondade do Senhor para com todos os seus filhos. □

SUGESTÕES PARA AS PROFESSORAS VISITANTES

1. Debatam como a inveja pode afastar-nos do Senhor e de nossos irmãos.

2. Debatam a alegria que pode surgir em nossa vida ao nos regozijarmos com as bênçãos alheias. Vocês ou a irmã que visitam talvez queiram contar uma experiência pela qual aprenderam a se alegrar com as bênçãos e oportunidades de outra pessoa.

“Mas uma só é Necessária”

Patricia T. Holland

Muitas vezes parece que os problemas diários são mais importantes que o desenvolvimento da fé. Por isso, gostaria de perguntar às irmãs da Igreja: numa vida tão ativamente dedicada às preocupações e responsabilidades diárias, como desenvolvemos a paz interior que fortalece a fé?

Servi como presidente da Sociedade de Socorro em quatro alas diferentes. Duas delas eram alas destinadas a mulheres solteiras e duas eram alas típicas com muitas mães jovens. Ao reunir-me em conselho com minhas irmãs solteiras, meu coração muitas vezes se confrangia quando me descreviam seus sentimentos de solidão e decepção. Elas buscavam ansiosamente paz e propósito, algo de valor real pelo que pudessem dar sua vida.

No entanto, parecia-me que as jovens mães com certeza tinham igualmente muitos problemas, pois elas também me descreviam os desafios de procurar criar os filhos num mundo cada vez mais difícil, de nunca ter tempo suficiente, nem meios ou liberdade para se sentirem uma pessoa de valor. E estavam sempre cansadas! O que ficou mais vivamente gravado em

*As palavras do conselho
do Salvador a Marta
soaram-me como uma
revelação pessoal a mim,
a qual confortou
meu coração atribulado.*

minha memória em relação a essas jovens mães era que estavam sempre muito cansadas.

E ainda havia as mulheres que, não por sua própria culpa, achavam-se no papel de únicas provedoras do lar, no sentido financeiro, espiritual, emocional e em todos os outros sentidos. Eu não conseguia nem mesmo entender os desafios que elas enfrentavam. Obviamente, em certo sentido, a situação delas era a mais difícil.

Todos Têm Seu Quinhão de Desafios

A perspectiva que adquiri durante os muitos anos em que ouvi preocupações e problemas das mulheres — solteiras, casadas, divorciadas, viúvas, donas de casa, profissionais — é a de que todos parecem ter seu quinhão de desafios. Às vezes, achamos que é mais do que podemos suportar.

É claro que não houve nenhuma outra época na história em que as mulheres questionaram seu próprio valor tão áspera e criticamente como na segunda metade do século vinte. Muitas mulheres buscam, quase freneticamente, como nunca antes, a consciência do propósito pessoal e um sentido para a vida; e muitas

mulheres SUD buscam também um discernimento e sentido eterno.

Se eu quisesse destruir uma sociedade, acho que começaria com um ataque maciço às suas mulheres. Eu as manteria tão abaladas e distraídas, que jamais encontrariam a força e serenidade pelas quais seu gênero sempre foi conhecido.

Parece que Satanás realmente fez isso, levando-nos frequentemente a achar que temos de ser sobre-humanas, ao invés de realisticamente procurar alcançar nosso propósito e a rara aptidão individual dada por Deus.

Em minha própria vida, cheguei a um ponto de total esgotamento físico, mental, emocional e espiritual. Durante dois anos, servi como conselheira na presidência geral das Moças. Foram anos difíceis que exigiram muito de mim; anos em que tentei ser uma

mãe de tempo integral para meus filhos, e uma esposa de tempo integral para um marido extremamente ocupado; e ainda ser algo que se aproximasse o mais possível de uma conselheira de tempo integral para a presidente geral das Moças.

No final desses dois anos minha saúde deixava



"Cristo com Maria e Marta", quadro de Del Parson

muito a desejar. Estava perdendo muito peso, parecia não poder fazer nada para deter essa perda, e não estava dormindo bem. Ainda assim, continuava a imaginar como desempenharia melhor minhas tarefas. Quando meu segundo ano na presidência chegou ao fim, as Autoridades Gerais amorosamente me desobrigaram de meu chamado.

Duas semanas depois, meu marido recebeu uma designação da Igreja para ir a Jerusalém. Pediram-me que fosse com ele.

“Afadigada com Muitas Coisas”

Num dia muito claro e ensolarado, eu estava sentada, olhando o Mar da Galiléia. Abri minha Bíblia e procurei no evangelho de Lucas o relato a respeito de Marta, uma mulher que, como eu, estava “afadigada com muitas coisas”. Mas, em lugar das palavras impressas na página diante de mim, pensei ver mentalmente e ouvir em meu coração estas palavras: “Pat, Pat, estás preocupada e fatigada com muitas coisas.” Então, o poder da revelação pura e pessoal tomou conta de mim, quando li: “mas uma só (coisa), (apenas uma coisa) é necessária.” (Veja Lucas 10:38-42.)

*Se quisesse destruir uma
sociedade, acho que
começaria com um ataque
maciço às suas mulheres.
Parece que Satanás
realmente fez isso.*

Em Israel, no mês de maio, o sol é tão brilhante, que nos sentimos como se estivéssemos no topo do mundo. Eu acabara de visitar o Vale de Ajalom, onde o “sol parou” para Josué; e, naquele dia, ele parecia ter realmente parado para mim também. Enquanto estava sentada, refletindo sobre meus problemas, senti os mesmos raios quentes do sol como um líquido derramando-se em meu coração, relaxando, acalmando e confortando minha alma atribulada. Fui transportada a uma visão mais elevada de minha vida.

De espírito para espírito, nosso amoroso Pai Celestial parecia estar sussurrando-me: “Você não tem que se preocupar com tantas coisas. A única coisa que é necessária, a única coisa verdadeiramente necessária, é manter os olhos voltados para o sol, meu Filho.”

“Aprende de mim”, parecia dizer-me, “e ouve as minhas palavras; anda na mansidão do meu Espírito e terás paz em mim”. (D&C 19:23.) Repentinamente, eu realmente senti paz, e soube que minha vida sempre estivera em suas mãos, desde o princípio. E assim está a vida de todas vocês, de todas as mulheres que querem fazer as coisas certas e crescer na fé, dando tudo o que podem com sabedoria, de acordo com suas condições de vida.

“Como desenvolvemos paz interior?” A resposta veio-me enquanto estava na Terra Santa, mas poderia ter vindo da mesma forma estando em casa ou em qualquer outro lugar. Descobri que, não importa onde estejamos, podemos desenvolver paz interior e fortalecer nossa fé, se assim o desejarmos. “Busca aquilo que é necessário, coloca tuas mãos nas mãos dele, e anda na mansidão do seu espírito.” □

A Irmã Holland, ex-primeira conselheira da presidência geral das Moças, serve como professora da Sociedade de Socorro da Ala Oakhills Quatro, Estaca Oakhills, Provo, Utah. É casada com Jeffrey R. Holland, presidente da Universidade Brigham Young.

“UMA BÊNÇÃO DE EXTRAORDINÁRIO SIGNIFICADO”

Mary Ellen Edmunds



Finalmente terminei de ler Primeiro Néfi quando tinha quatorze anos de idade. Talvez o tenha feito, em parte, para poder dizer na aula da Escola Dominical: “Sim, li o Livro de Mórmon.” Mas, além disso, senti dentro de mim que era um livro importante e que teria um impacto significativo em minha vida. Meus pais e outras pessoas falavam a respeito de como *amavam* o livro. Eu queria sentir o mesmo e percebia que o conseguiria mais depressa pela minha própria leitura do que por ouvir falar.

Em várias “leituras”, eu usava um exemplar novo a cada vez, e provavelmente ficava tão interessada em marcar passagens em vermelho como na própria leitura. Gostava de abri-lo quando alguém estava olhando — em alguns exemplares se destacavam as passagens que *não estavam* em vermelho. Pouco a pouco, senti meu orgulho de marcar substituído pelo amor ao que estava escrito nesse livro sagrado. Sentia que conhecia algumas das pessoas, e gostava de voltar muitas vezes ao livro, para estar com elas e aprender delas.

A idéia de que alguns santos dos últimos dias no mundo nunca tiveram oportunidade de ler nem mesmo uma página ou duas do Livro de Mórmon jamais me ocorrera. No entanto, quando fui chamada para a Missão Extremo Oriente-Sul, em 1962, soube que ainda não havia o Livro de Mórmon em chinês, e o fato de perceber que eu não dera o devido

valor às escrituras me afetou profundamente.

Alguns dias depois de ter chegado a Taiwan, conheci Mickey Chang, um rapaz batizado havia pouco tempo. Nunca me esquecerei de como me procurou para pedir que lhe dissesse alguma coisa do Livro de Mórmon. Ele queria saber mais sobre o livro. Queria lê-lo. Certa vez, enquanto falávamos, Mickey chorou ao tentar expressar como era difícil ter um testemunho do Livro de Mórmon sem poder lê-lo.

Comecei a implorar ao Senhor com maior compreensão, que tornasse possível a pregação da plenitude do evangelho em todas as nações, tribos, línguas e povos.

Uma das experiências mais memoráveis da missão aumentou o valor que dou às escrituras. Enquanto servia nas Filipinas, minha companheira e eu conhecemos uma alma maravilhosa e bondosa que gradualmente respondeu ao espírito e à fonte da mensagem que transmitíamos. Ele ficou ansioso por aprender e ler a palavra de Deus. Não entendia bem o inglês e pediu se podíamos providenciar um exemplar da Bíblia em sua língua natal, o tagalo. Acharmos um exemplar para ele numa livraria em Manila. Ele reverentemente estendeu as mãos para pegar aquela Bíblia (*Ang Biblia*) que lhe dávamos. Com muita emoção disse: “Nunca segurei uma Bíblia nas mãos antes.”

Após seu batismo, continuou a ler tanto a Bíblia como o Livro de Mórmon, mas como aprendia bem



Ver os
pesquisadores em diversos países
banquetear-se
com o **Livro de Mórmon**
ao invés de simplesmente lê-lo,
aumentou meu próprio desejo
de examinar as escrituras.

mais depressa, especialmente com o Livro de Mórmon! Com a ajuda do Espírito Santo, conseguia entender muito mais o que estava lendo, mas nunca lhe parecia ser o suficiente. Quando o visitávamos, mostrava-nos todas as coisas que escrevera nas margens, e falava sobre a emoção que experimentara ao pesquisar e ponderar os livros de Deus diretamente da fonte. Ver o desejo dos outros de se *banquetearem* ao invés de simplesmente ler, aumentou meu próprio desejo de examinar as escrituras.

Servindo missão na Indonésia em 1976, estava mais uma vez num lugar onde o Livro de Mórmon ainda não havia sido traduzido para a língua das pessoas que se filiavam à Igreja. Lembro-me de como nosso presidente de missão, Hendrik Gout, levou minha companheira e eu para a cidade de Bandung, ao norte de Jacarta, para visitar o homem que estava traduzindo esse livro sagrado. Todos oramos para que ele ficasse pronto logo, especialmente os membros da Igreja que ansiavam pelo privilégio de finalmente ler o Livro de Mórmon.

Eu estava lá quando a tradução do Livro de Mórmon foi publicada e distribuída. Acho que pode ter havido sentimentos tão doces e profundos quanto os que foram expressos em 1830, quando o primeiro Livro de Mórmon foi publicado. Esse acontecimento

comovente foi uma bênção de grande significado. Minhas duas companheiras indonésias dormiam segurando seus exemplares do Livro de Mórmon.

Há muitas pessoas mencionadas no Livro de Mórmon que espero conhecer melhor um dia. Gostaria de que o livro fosse mais longo, com mais detalhes, mais experiências e mais informações a respeito do que aconteceu e por quê. Gostaria de saber mais a respeito do que Jacó falou e dos quatorze anos de trabalho missionário

realizados pelos filhos de Mosiah. Gostaria de aprender mais a respeito dos irmãos Néfi e Léhi (veja Helamã 3:21, 5). Gostaria de saber mais a respeito de como era a vida durante aqueles duzentos anos após a visita do Salvador aos sobreviventes das grandes catástrofes que se seguiram à sua morte. Ainda assim, sou grata pelas mensagens doces, poderosas que mudam vidas, contidas nesse livro. Que eu possa apreciar o que foi dado, não só para lembrar onde está determinado versículo, mas também para mudar minha vida e meu coração, e para permitir que o espírito de Deus me ensine e me ajude a lutar pela perfeição. □

Mary Ellen Edmunds, membro da Ala Mapleton 5, Estaca Mapleton Utah, é diretora assistente de instrução do Centro de Treinamento Missionário de Provo, Utah. Ela serve na Junta Geral da Sociedade de Socorro.



FAZENDO AS PAZES COM NÉFI

Lars Akebrand



Como muitos rapazes da Igreja, tinha minhas próprias desculpas para não ler o Livro de Mórmon: o céu de verão, esportes de inverno, outras leituras e um pouco de preguiça. E quando chegava a começar a lê-lo, não conseguia passar do quarto capítulo de 1 Néfi. O choque ao ler o relato de Néfi a respeito de como decapitou Labão atrasou o prosseguimento da minha leitura do Livro de Mórmon até estar com quase dezesseis anos. Embora conhecesse relatos semelhantes na Bíblia, como Davi matando Golias, não me parecia correto que Néfi praticasse tamanha crueldade.

Quando tinha quinze anos, fui chamado como missionário de construção. O presidente da Missão Sueca naquela ocasião, Alvin W. Fletcher, sabia o que fazer com um rapaz cujo testemunho precisava ser fortalecido.

Quando parti para a missão, prometi a mim mesmo que leria as obras-padrão da Igreja antes de voltar para casa. Depois de vários meses na capela de Gubbängen, ao sul de Estocolmo, e de um breve período em Tampere, Finlândia, fui transferido para Turku onde, depois de terminar a Bíblia, senti-me pronto para enfrentar o Livro de Mórmon.

Não me lembro de muita coisa a respeito da cidade, apenas o que vi nas caminhadas diárias de ida e volta ao local da construção no frio cortante. Uma

vez que o Livro de Mórmon me mantinha num grande suspense, não conseguia pensar em muita coisa além dele. Ficava ansioso para chegar em casa após o trabalho todos os dias, para continuar minha leitura. Essa foi a primeira vez em que realmente tive fome e sede da palavra do Senhor. Deitado em minha cama noite após noite, numa sala da capela, lendo as palavras de Néfi e

outros profetas do Livro de Mórmon, recebi um testemunho de Deus de que o livro era verdadeiro.

Minha parte preferida do Livro de Mórmon era — e ainda é — 3 Néfi. Muitas vezes, enquanto lia como o Cristo ressuscitado ensinou seu evangelho aos nefitas, sentia como se realmente estivesse lá em sua presença. E para mim, nada nas escrituras se assemelha ao capítulo dezenove de 3 Néfi, que registra como Jesus elevou sua alma ao Pai em favor de seus discípulos. Mais de uma vez chorei enquanto lia esse relato.

Agora agradeço a Deus por um homem justo como Néfi, que a princípio hesitou em obedecer ao mandamento do Senhor para matar Labão, ter obedecido a Deus e realizado seus propósitos justos. Se não fosse por Néfi e os que subsequentemente guardaram os registros sagrados, eu não poderia nunca haver descoberto a bondade de Deus nesse livro ímpar de escritura, o Livro de Mórmon. □

Lars Akebrand é consultor editorial do Internacional Magazines na Europa, e atualmente reside em Friedrichsdorf, Alemanha Ocidental.

FELICIDADE

NÃO HÁ UMA ÚNICA BARREIRA

Mayola Miltenberger

Não deixe que sua condição de “solteira” seja um obstáculo à alegria.

A meta de conquistar a felicidade é uma busca suprema em nossa vida. Mas por que se mostra tão esquiva para alguns de nós?

“A felicidade”, conforme afirmou o Profeta Joseph Smith, “é o objetivo e o propósito de nossa existência” (*Ensinamentos do Profeta Joseph Smith*, p. 249). “Os homens existem, para que tenham alegria” é uma grande afirmação do Livro de Mórmon (2 Néfi 2:25). Pode parecer que, com toda a orientação e conselho que o Senhor e seus profetas nos têm dado através dos tempos, deveríamos saber o tipo de atitude que resultará em felicidade para nós. Infelizmente, existem aqueles que talvez passaram grande parte de sua vida perseguindo u’a meta que, em lugar de felicidade, só lhes trouxe descontentamento e inquietação. Talvez o problema não esteja na pessoa, mas na própria meta. Talvez ela não seja atingível para essa pessoa.

Por exemplo, na Igreja aprendemos que uma das maiores metas de nossa vida é conseguir o casamento eterno, e ter e criar filhos. É comum, portanto, que as





mulheres solteiras almejem essa bênção e sintam que felicidade não pode ser total sem o casamento e a maternidade. Podemos até ter um senso de inaptidão ou de fracasso por não sermos casadas; ou, se casamos, não temos filhos; ou tendo casado, nos divorciamos. Erguemos uma barreira mental contra a felicidade, reservando esse estado para um dia futuro em que se realizem as metas do casamento e de ter filhos.

Por mais valiosos e desejáveis que sejam o casamento e os filhos, para muitas talvez não sejam possíveis. Não porque as mulheres SUD solteiras sejam seletivas ou independentes demais, ou porque escolhem uma carreira e a vida solitária em lugar do casamento e família. Longe disso; o casamento e maternidade são aquilo com que sonham e o desejo mais profundo de seu coração! Mas para algumas não surge a oportunidade adequada, ou são solteiras por outras razões alheias à sua vontade.

Conselho dos Profetas

Vários profetas disseram algumas coisas bastante confortadoras a respeito desse assunto. Dizia o Profeta Joseph Fielding Smith:

“Vós, boas irmãs, que sois solteiras e sós, não temais, não penseis que essas bênçãos vos serão negadas. Não tendes obrigação ou necessidade de aceitar alguma proposta que vos repugna por medo de serdes condenadas. Se sentirdes em vosso coração a veracidade do evangelho e que em condições propícias teríeis recebido essas ordenanças e bênçãos seladoras no templo do Senhor... e isso não se realiza agora, o Senhor vos há de recompensar, e sereis abençoadas — pois nenhuma bênção será negada.

O Senhor... não vos condenará por aquilo que não podeis remediar.” (Joseph Fielding Smith, *Doutrinas de Salvação*, comp. por Bruce R. McConkie, vol. II, p. 76.)

FELICIDADE

Por favor, não entendam mal. A doutrina do casamento eterno e a importância dos filhos e da família *deve* ser enfatizada e ensinada a todos os homens e mulheres SUD. É parte do plano do Senhor para nossa salvação. Isto, no entanto, não altera a realidade da situação na qual se encontram muitas mulheres, hoje. Só as estatísticas indicam que muitas delas não poderão casar-se. Será que estão aqui na terra só para esperar e não fazer nada? Não! Certamente que não!

A Busca pelo Caminho Correto

Alegria, felicidade e realização são tão possíveis para os membros solteiros da Igreja como para aqueles casados, se a felicidade for procurada de maneira que produza o resultado correto.

Minha vida como mulher casada era feliz, assim como o é minha vida agora, mas era diferente da que levo agora como viúva. A felicidade no casamento acontece quando ambos os parceiros se preocupam com o bem-estar e felicidade do outro, e assumem a responsabilidade de ajudar a atingi-la para seu companheiro. Na vida de uma pessoa solteira, a carga maior de desenvolver uma vida satisfatória, plena e feliz recai principalmente sobre o indivíduo. Admito que atingir a felicidade como pessoa solteira requer um pouco mais de esforço.

Existe uma série de condições que a maioria das pessoas dizem ser necessárias para a "boa vida": um trabalho interessante e satisfatório, e renda suficiente para satisfazer as necessidades diárias; oportunidades de instrução, desenvolvimento e crescimento pessoal; contatos sociais satisfatórios, particularmente na família; um pouco de beleza em nossa vida, e algumas oportunidades de experiências culturais e artísticas; boas causas pelas quais trabalhar, e oportunidades de servir o próximo.

Hoje, em nossa sociedade e em nossa Igreja, essas coisas *podem* ser alcançadas pela maioria de nós. Mas todas elas requerem um esforço pessoal verdadeiro de nossa parte.

Cada vez mais, as mulheres precisam estar melhor preparadas quanto à instrução, treinamento e experiência, se não por outra razão, por viverem, em média, oito anos mais que os homens. Assim, muitas mulheres, inclusive as que se casam, ficarão sozinhas por algum tempo durante sua vida.

Stena Scorup, mulher solteira que leciona numa pequena cidade de Utah, também é dona de casa, trabalha na Igreja, colabora nas causas cívicas, é membro da junta da biblioteca da cidade, e prefeita de sua cidade.

Qual é o valor de Stena Scorup e mulheres solteiras iguais a ela, que estão dando contribuições significativas para a sociedade? Grande parte da instrução pública, do trabalho de enfermagem e de escritório, dos empregos que lidam com administração do lar é realizada por essas mulheres. Elas também contribuem significativamente para o trabalho da Igreja, para os serviços da comunidade e sua própria família.

E com Relação a Filhos?

Uma das barreiras mais problemáticas para a felicidade das mulheres solteiras ou sem filhos é a falta de oportunidade de exercerem a maternidade.

Essas mulheres têm de desistir da oportunidade de trabalhar com crianças e de influenciá-las? Não! Falo por experiência própria, quando digo que existem à nossa volta crianças à espera de atenção, amor, serviço, exemplo e ensinamentos que podem ser proporcionados por mulheres solteiras ou sem filhos.

Por muitos anos, no início da minha vida de casada, senti-me irrealizada, sabendo que a bênção de ter filhos não era possível para mim. Pouco a pouco, no entanto, percebi que poderia influenciar crianças dentro de minha própria família e ser uma amiga especial para outras. Dificilmente se passa uma semana sem que o correio me traga um amoroso lembrete de um grande relacionamento que tenho com filhos que não gerei. Assim como acontece com os pais naturais, desenvolver esse relacionamento envolve dar atenção, determinar cuidadosamente sentimentos e necessidades e aprender a comunicar-se. Exige bom senso de oportunidade e boa receptividade mental.

O amor é um ingrediente essencial no desenvolvimento de relações pessoais significativas. Acho que, mesmo no relacionamento conjugal, o verdadeiro amor nasce da preocupação recíproca das pessoas, e de traduzir em "ação" nossas palavras de afeto. É um tipo de amor do qual cada uma de nós pode participar.

Existem muitas oportunidades de expressarmos amor

em nossa vida. Elas estão aí — não para pedir, mas para *fazer*.

Ajuda do Sacerdócio e da Família

Muitas mulheres solteiras sentem-se privadas por não terem o sacerdócio no lar. Percebo que isto é um problema. O Senhor, em sua sabedoria, no entanto, não nos deixou sozinhas. Frequentemente há em nossa família irmãos, tios, cunhados, sobrinhos ou, no caso de algumas mulheres divorciadas e viúvas, filhos e genros que são portadores dignos do sacerdócio. Eles devem ter oportunidade de exercê-lo em nosso favor. Há bispos, líderes de quorum, mestres familiares e homens que participam do grupo com o qual fazemos a noite familiar, que exerceriam o sacerdócio por nós, se lhes permitíssemos.

Talvez o papel mais difícil para as pessoas solteiras seja o de procurar criar os filhos sem ajuda. Não é fácil criar bons filhos sozinhas, mas não é impossível.

Muitos profissionais que trabalham com crianças concordam em que as crianças pequenas precisam de bons exemplos de ambos os sexos. Os parentes (avós, tias, tios, primos) frequentemente podem oferecer esses modelos, se buscarmos sua ajuda. Fora da família, há geralmente líderes do sacerdócio, consultores de quorum do Sacerdócio Aarônico, mestres familiares, bispos ou professoras das Abelhinhas, Meninas Moças e Lauréis. As aulas de Educação Familiar no Lar, da Sociedade de Socorro, também podem ajudar as mães que necessitem de segurança e orientação quanto a problemas surgidos na criação dos filhos.

Num seminário realizado especialmente para pais sozinhos, o Dr. Victor L. Cline, da Universidade de Utah, Cidade do Lago Salgado, salientou que muitos pais sozinhos acabam sentindo-se rejeitados e fracassados depois do divórcio, o que muitas vezes resulta em desânimo e perda da auto-estima.

“Se vocês se permitirem sentir auto-piedade e pensar em todas as coisas ruins, e continuarem pensando nelas, isso vai destruí-los”, diz ele. “Vocês não devem deixar que isso aconteça. Vocês podem viver ou morrer. Vejo um número muito grande de pessoas divorciadas que estão morrendo lentamente (de) amargura e tristeza.”

Um remédio imediato que o Dr. Cline recomenda contra o desânimo é o exercício físico. É quase

impossível sentir desânimo, enquanto nos mantemos fisicamente ativos.

Mas o evangelho também oferece remédios a longo prazo contra esses sentimentos. Esses remédios encontram-se na atividade espiritual constante: buscar o amor de nosso Pai Celestial e de nosso Salvador em oração e fé, e buscar a oportunidade de fazer o bem aos outros que estão à nossa volta neste mundo.

Um Modo de Vida

Somos muito abençoadas por termos o evangelho de Jesus Cristo, que nos incentiva a buscar conhecimento e usar nossa inteligência e toda a capacidade com que o Senhor nos dotou. O evangelho é um modo de vida. Significa crescer e progredir. É a chave para a liberdade e independência do desespero, medo e solidão. Sei que há muitos desafios e problemas para os santos dos últimos dias não casados, inclusive os viúvos e divorciados. Mas o Senhor nos deu conforto, orientação e conselho. Deu-nos a Sociedade de Socorro, os quoruns do sacerdócio e programas de atividades para adultos solteiros, a fim de nos instruir e ampliar nossa vida, e para nos ajudar em nossa missão eterna.

Permitam que lhes fale de meu próprio testemunho a respeito dos benefícios da Sociedade de Socorro para as mulheres solteiras.

Depois da morte repentina de meu marido há vários anos, senti que a vida estava-me dando mais desafios do que eu merecia. Senti uma grande dose de auto-piedade e revolta, ao pensar que uma mulher relativamente jovem como eu enfrentava o fato de que provavelmente passaria o resto da vida sozinha. Enquanto lutava com esses problemas, tive oportunidade de aceitar um cargo na sede geral da Sociedade de Socorro, e de tornar-me membro de sua junta geral. Havia um único problema: mudar-me para a Cidade do Lago Salgado, longe de minha família e amigos. É claro que aceitei o chamado e gostei de meu trabalho nele. Mas, por mais satisfatório que fosse, sentia que ainda precisava de amigos e companheirismo fora de meu mundo de trabalho.

Na Sociedade de Socorro, descobri que tinha amigas em minha ala. Meu testemunho fortaleceu-se à medida que participava do estudo do evangelho e ouvia os testemunhos de outras irmãs. Isto trouxe à tona

FELICIDADE



minhas valiosas qualidades femininas e descobri oportunidades de servir, e também de atividades domésticas, aliviando-me de algumas tensões da vida e da solidão, dando-me uma nova visão da vida.

Em minha busca de uma receita para a felicidade, descobri este conselho:

“Para ser feliz, a pessoa tem que: (1) amar ao Senhor e guardar seus mandamentos; (2) amar e servir ao seu próximo; (3) amar a si mesma e desenvolver seus talentos; (4) amar e servir a sua família.

O Presidente David O. McKay disse a respeito da felicidade: “O segredo da felicidade consiste não em ter, mas em ser; não em possuir, mas em aproveitar. É um cálido sentimento do coração que está em paz consigo mesmo.”” (*The Instructor*, novembro de 1960, p. 422.)

A paz interior provém mais do fato de nos concentrarmos em quem somos e no que podemos tornar, do que de uma mudança em nossa condição na vida. Seria conveniente que todos os santos dos últimos dias solteiros pudessem mudar essa condição através do casamento com um companheiro digno. Mas a felicidade e alegria que nos foram prometidas não estão numa caixa colocada em algum lugar, esperando que isso aconteça. Estão aqui para serem desfrutadas agora. □



Jack S. Marshall

Baseado em um acontecimento real, no qual meus alunos e eu aprendemos que quase todos nós podemos render-nos à coação dos amigos, mesmo quando não deveríamos fazê-lo.

Anos atrás, eu dava aula numa classe do seminário, da qual faziam parte alguns dos melhores e mais brilhantes alunos da escola. E por serem quem eram, eles exerciam uma grande influência na vida de outras pessoas; eram respeitados e admirados pelos outros alunos. Às vezes, mesmo sem sabê-lo, eles exerciam certa pressão social entre os outros alunos da escola. O efeito dessa pressão sobre os companheiros — essa atitude de nosso grupo etário — foi-nos demonstrado um dia na classe. Todos aprendemos uma triste lição: quase todos nós podemos render-nos à coação dos amigos. Eis como isso aconteceu.

Eu lera um artigo a respeito da pressão negativa dos companheiros de idade. O artigo descrevia uma experiência que me senti tentado a levar a cabo na minha classe. A experiência se destinava a mostrar, de maneira bastante convincente, como pode ser forte a pressão dos companheiros. Eu não pensara que isso poderia ter algumas conseqüências negativas.

Na manhã seguinte, durante a aula, agi de acordo com as instruções dadas na experiência. Desenhei no quadro-negro uma estrela, um círculo, uma forma oval e um quadrado. Disse à classe que, durante a aula, os desenhos do quadro-negro deveriam ser identificados como estrela, círculo, forma oval e triângulo; muito embora o quadrado fosse obviamente um quadrado, ele deveria agora ser chamado de triângulo e só de triângulo. Num momento, eles



teriam a oportunidade de convencer um visitante que não suspeitava de nada de que o quadrado era na realidade um triângulo.

Cinco dos meus alunos mais influentes foram convidados a sentar-se na primeira fila da sala de aula. Tínhamos um jogador de futebol, uma jovem bastante envolvida em várias atividades escolares, o presidente do corpo discente da escola, um aluno brilhante, e um rapaz que tinha sucesso em tudo o que fazia. Foi deixada vaga uma sexta cadeira, para nosso visitante, um calouro, aluno do primeiro ano, que imediatamente reconheceu que estava entre os "cobras" do colégio. Os alunos de minha classe colocaram-no à vontade, e ele começou a descontraír-se e divertir-se em companhia deles.

Convidei-o a ocupar o lugar vago na frente da classe. Expliquei que, quando chegasse a sua vez, deveria simplesmente identificar os objetos desenhados no quadro-negro. Ele concordou. Os outros sorriram. A aula começou.

— Sr. Futebolista, identifique, por favor, as formas que estão no quadro-negro — pedi.

Com voz profunda, máscula, ele disse: — Estrela, círculo, forma oval — e, então, chegando ao quadrado, confiantemente: — Triângulo.

Nosso visitante, sem pensar riu, mas os outros presentes ficaram em absoluto silêncio. Ele rapidamente buscou no rosto dos presentes o reconhecimento do erro óbvio do Sr. Futebolista, mas meus alunos estavam representando bem a sua parte. Para eles, aquele quadrado não era

CHAMAR UM QUADRADO DE QUADRADO



nada mais que um triângulo. O Sr. Calouro teve uma expressão confusa.

Dirigi-me então à jovem.

— Poderia, por favor, identificar os desenhos do quadro-negro?

Ela, entusiasticamente, respondeu: — Estrela, círculo, forma oval, triângulo.

O calouro ficou nervoso e mexeu-se na cadeira.

A classe permaneceu em silêncio. A pergunta foi feita duas vezes mais. O presidente do corpo discente e o rapaz talentoso responderam conforme havíamos planejado.

A essa altura, nosso visitante parecia sentir-se ligeiramente mal, e podia-se ver pela expressão de seu rosto que preferiria estar em algum outro local.

O aluno brilhante respondeu à minha pergunta:

— Estrela, círculo, forma oval, triângulo.

Agora era a vez do calouro. A cada objeto sua voz tornava-se mais fraca, mais trêmula e menos confiante.

— Estrela... círculo... forma oval... — E depois silêncio.

Olhamos para ele. Ele olhou para nós.

— Qual é o último desenho? — perguntei.

Silêncio.

— Vamos, o que é?

Então, finalmente, ele falou calmamente.

— Triângulo.

Pensei que fôssemos quebrar a tensão do momento com uma boa risada. A experiência havia funcionado. Mas o que houve foi silêncio.

Busquei o rosto dos alunos. Mostravam-se todos profundamente pensativos. Alguns estavam com a cabeça baixa.

Então percebi algo. Cada um dos presentes sabia como se sentia o desconcertado calouro. Cada um, num momento de loucura, desejando profundamente ser aceito ou fazer parte de um grupo, havia, a seu próprio modo, chamado um quadrado de triângulo, cometido um erro quando deveria haver apenas uma coisa certa. Mesmo eu poderia acrescentar meu nome à lista. E todos nós percebemos, especialmente eu, que fôramos indelicados em colocar o calouro numa situação tão incômoda.

Passamos o resto de nossa aula compartilhando sentimentos e tristezas, porém, mais importante, compartilhando desejos, esperanças e a vontade de sermos mais corajosos. O Sr. Futebolista passou o braço pelos ombros do calouro, e todos nós lhe asseguramos que também já cometêramos o erro de ceder à pressão dos companheiros. No final da aula, ele *foi* aceito pelos companheiros, não por ter cedido, mas porque todos nos dêramos conta da importância de nunca nos rendermos, de chamarmos um quadrado de quadrado, apesar das possíveis consequências.

Quando deu o sinal, saímos em grupo, mais sensatos, mais esperançosos, e com uma resolução mais forte de defender o que é certo, mesmo quando pressionados pelo mundo. □

"A cada homem é dado um dom"

Tawnya Warnick

Eu estava observando minha prima de dez anos fazer seus exercícios de ginástica. Era embaraçoso ver tudo o que ela conseguia fazer, porque, com doze anos, eu não era nada boa em ginástica, por mais que tentasse. Finalmente, cansei-me de observar e entrei na casa. "Por que não posso fazer o que ela faz?" pensei. "Eu tenho que me esforçar muito, mas ela basta ver alguma coisa e já consegue fazê-lo. Por que eu não consigo?"

No dia seguinte, na aula de educação física, pediram-nos que fizéssemos alguns exercícios para obtermos uma nota. Novamente pensei em minha prima, e me perguntei por que eu não conseguia fazer nem os movimentos mais simples.

Chegou o domingo, e eu estava examinando as escrituras à espera de que as reuniões da Igreja comessem, quando me chamaram a atenção dois versículos em Doutrina e Convênios:

"Pois nem a todos são dados todos os dons; pois há muitos dons, e a cada homem é dado um dom pelo Espírito de Deus.

A alguns é dado um, a outros é dado outro,

para que todos sejam assim beneficiados."

(D&C 46:11-12.)

Percebi, então, que cada um de nós tem talentos e capacidade diferentes e que devemos desenvolver os que temos, para podermos incentivar e ajudar uns aos outros. Depois de ler essa escritura, não mais me senti mal por não conseguir fazer ginástica. Fiquei feliz por minha prima, porque ela consegue! ☐

Você Já Viu O Senhor?

Élder Sterling W. Sill
Membro Emérito do
Primeiro Quorum dos Setenta



As escrituras nos
ajudam a conhecer o
Senhor, o que ele diz
e como ele pensa.

Faz algum tempo, pediram-me que acompanhasse um grupo de visitantes no Edifício dos Escritórios da Igreja, na Cidade do Lago Salgado. Eles queriam saber alguma coisa mais sobre as doutrinas, as funções de liderança e a organização da Igreja. Pareciam muito interessados, e tivemos uma conversa agradável.

Durante a visita, uma jovem levantou a mão e perguntou: "Irmão Sill, o senhor já viu Deus?" Fiquei surpreso, pois não esperava esse tipo de pergunta. Disse-lhe então: "Se não se importar, gostaria de dar-lhe três respostas a essa pergunta.

A resposta número um que, tenho certeza, está mais próxima do motivo pelo qual você fez a pergunta, é não, não vi. Mas essa resposta em si não é

completa, nem totalmente exata. Assim, acrescentarei uma segunda resposta e direi que não o vejo desde o dia do meu nascimento a 31 de março de 1903. Mas o vi muitas vezes antes desse dia."

As escrituras são muito claras a respeito do fato de que vivemos com Deus nos céus antes de começar nossa vida terrena. Ele é nosso Pai Eterno. Cada um de nós o viu e ouviu muitas vezes.

O grande filósofo Sócrates afirmou que todo o aprendizado é mera recordação. Deus é nosso mestre, e muito do que somos trouxemos conosco de sua presença no céu.

"Sei Muitas Coisas sobre o Salvador"

"Agora, a terceira resposta. Embora seja verdade que não o vi durante minha vida aqui na terra, também é verdade que não vejo meu próprio espírito desde meu nascimento mortal, e, no entanto, tenho certeza de possuí-lo."

Embora não tenha visto o Senhor pessoalmente durante esta vida, li atentamente várias vezes os quatro grandes volumes de escritura que ele fez escrever. Sei como ele pensa. Sei o que quer que eu faça. Sei pelo testemunho de pessoas que o viram como é sua aparência. E sei muitas outras coisas sobre ele.

Por exemplo, Jesus ressuscitado apareceu a João, o Revelador, na Ilha de Patmos. João diz que ele estava em Espírito, no dia do Senhor, quando ouviu atrás de si uma grande voz, semelhante a uma trombeta. João virou-se para ver quem lhe falara, e viu "um semelhante ao Filho do homem, vestido até aos pés de um vestido comprido, e cingido... com um cinto de ouro.

E a sua cabeça e cabelos eram brancos como lã branca, como a neve, e os seus olhos como chama de fogo." (Apocalipse 1:13-14.)

Quando o Profeta Joseph Smith teve a visão do Pai e do Filho, disse que seu "resplendor e glória desafiam qualquer descrição" (Joseph Smith 2:17).

Existem algumas experiências, mesmo nesta vida, que temos



"O Senhor Jesus Cristo", quadro de Del Parson

dificuldades de descrever. Por exemplo, se eu tivesse que descrever a expressão dos olhos de minha neta quando está feliz, poderia ser um pouco difícil. Poderia tentar, dizendo "seus olhos faiscavam", ou "seu rosto brilhava". Na realidade, nenhuma dessas expressões é verdadeira. Os olhos de minha neta são sempre do mesmo tamanho, do mesmo formato, da mesma cor. Mas, quando ela está feliz, alguma coisa brilha em seu rosto, e eu posso entender isso, mas ter dificuldade de descrever.

Ao descrever Jesus ressuscitado, João disse que seus olhos eram como chama de fogo. Essa qualidade de esplendor e glória é aumentada muitas vezes. João tentou descrever a voz do Senhor ressurreto, dizendo que era uma grande voz, como de trombeta. Tenho um bom amigo que tem esse tipo de voz de "trombeta". É uma ressonância clara, harmoniosa, facilmente compreendida e bela de se ouvir. Sua dicção é quase perfeita.

Alguns oradores têm outro tipo de trombeta que Paulo descreveu, dizendo: "Porque, se a trombeta der som incerto, quem se preparará para a batalha?" (I Coríntios 14:8.) Alguns oradores têm uma trombeta que não é suficientemente alta para ser ouvida, nem suficientemente clara para ser compreendida, nem suficientemente interessante para manter nossa atenção.

Imagino que a voz de Jesus ressuscitado seja tão superior à

voz de meu amigo em ressonância e beleza quanto o brilho no rosto do Senhor excede ao do rosto de minha neta.

O Profeta Joseph Smith também viu o Senhor face a face depois da dedicação do Templo de Kirtland. Ao descrever a sua aparência, diz o Profeta: "Seus olhos eram como a labareda de fogo; os cabelos de sua cabeça eram brancos como a pura neve; seu semblante resplandecia mais do que o sol." (D&C 110:3.) Isso é muito brilho!

Com Qualidades Divinas

Mas essas são qualidades que outros filhos de Deus podem possuir em certo grau. Por exemplo, Morôni ressurreto também apareceu a Joseph Smith, e o Profeta nos deu esta descrição detalhada: "Toda sua pessoa era gloriosa acima de qualquer descrição, e seu semblante como um vivo relâmpago." (Joseph Smith 2:32.)

Não só sua pessoa era gloriosa, mas até sua roupa brilhava. O Profeta disse: "Estava vestido com uma túnica solta da mais rara brancura. Era uma brancura que excedia a qualquer coisa terrena que jamais havia visto; nem acredito que qualquer coisa terrena pudesse ser tão extraordinariamente branca e brilhante." (Joseph Smith 2:31.)

Dizia-se que Sócrates era um homem muito pouco atraente; mas ele orou a Deus, dizendo: "Faze-me bonito interiormente."

Todos nós já vimos pessoas comuns que se tornaram belas em virtude de uma espiritualidade radiante. Um espírito divino pode tornar belo o corpo mais comum.

Embora eu não tenha visto o Senhor nesta vida, ainda assim conheço sua palavra. Sei a respeito da grande Expição realizada a favor de todos os filhos de Deus. Sei a respeito da ressurreição gloriosa, celestial do Senhor, uma ressurreição semelhante àquela que prometeu a todos aqueles que guardarem seus mandamentos. Conheço o curso do caminho reto e estreito, e sei como segui-lo para que nos possamos qualificar para o reino celestial.

Certa ocasião, o Senhor disse a Tomé: "Porque me viste, Tomé, creste; bem-aventurados os que não viram e creram." (João 20:29.) O próprio Senhor prometeu: "Bem-aventurados os limpos de coração; porque eles verão a Deus." (Mateus 5:8.) Com todas essas vantagens, devo ser capaz de agir por mim próprio, até que ele venha em nuvens de glória para seu reinado milenar sobre a terra, quando todos os olhos o verão e todos os corações regozijar-se-ão em suas bênçãos.

Em preparação para esse grande evento, esforcemo-nos para obter uma luz mais radiante em nossos olhos, um fulgor maior em nosso coração, e um fogo mais refinado em nossa alma. Então, naquele dia, quando realmente nós o vimos pessoalmente, tornar-nos-emos igualmente gloriosos. □

